



A Liahona  
*Outubro/Novembro de 1985*

# A Liahona

Outubro/Novembro de 1985  
Volume 38 - Nº 7  
PBMA0620PO  
São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de  
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos  
Últimos Dias, apresentando material das  
revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:  
Spencer W. Kimball, Marion G. Romney,  
Gordon B. Hinckley.

Conselho dos Doze:  
Ezra Taft Benson, Howard W. Hunter,  
Thomas S. Monson, Boyd K. Packer,  
Marvin J. Ashton, L. Tom Perry,  
David B. Haight, James E. Faust,  
Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson,  
Dallin H. Oaks.

Comitê de Supervisão:  
M. Russell Ballard, Loren C. Dunn, Rex D.  
Pinegar, Charles Didier, George P. Lee.

Editor:  
M. Russell Ballard

International Magazines:  
Editor Gerente: Larry A. Hiller  
Editor Associado: David Mitchell  
Seção Infantil: Lois Richardson  
Desenhista: Mary A. Hodson

A Liahona:  
Diretor Responsável: José Maria Carleto  
Editor: Paulo Dias Machado  
Assinaturas: Victor Hugo da C. Pires  
Supervisor de Produção: Elias Nelson  
Munhoz Dias

Primeira Capa: Enfoque na Família. Última  
capa: "O trabalho mais importante que  
jamais faremos será entre as paredes de  
nosso próprio lar." Presidente Harold B.  
Lee. Na capa: Grupo familiar, pintura de  
Ferdinand Georg Waldmüller (1793-1865),  
nascido em Viena. Do acervo da Igreja.



- 1 Mensagem da Primeira Presidência: O Ambiente no Lar, *Presidente Gordon B. Hinckley*
  - 6 Élder Dallin H. Oaks: Na Trilha dos Outros Apóstolos, *Don L. Searle*
  - 11 Perseverando Juntas: Uma Entrevista com a Presidência Geral da Sociedade de Socorro
  - 14 Cesar Aedo: Contador de Histórias sem Palavras, *Don L. Searle*
  - 16 Paternidade: Tudo Relacionado ao Coração, *Patricia T. Holland*
  - 18 Quando os Filhos se Rebelam, *Manual para Famílias*
  - 21 Uma Tarde no Havai, *Kris Mackay*
  - 25 Perguntas e Respostas: Ordem do Sacramento, *Kent E. Pulsipher*
  - 26 Perguntas e Respostas: Oração Sacramental, *Mark E. Hurst*
  - 27 Perguntas e Respostas: Companheiro de Missão, *Joe J. Christensen*
  - 28 Estes São Seus Dias, *Élder Neal A. Maxwell*
  - 31 Bolsos Cheios de Pedras, *Larry Hiller*
  - 37 Princípios, *Élder Boyd K. Packer*
- Seção Infantil:
- 1 A Vencedora, *Margaret M. Robinson*
  - 4 Isaque Encontra Rebeca, *Histórias das Escrituras*
  - 6 Tempo de Compartilhar: Feliz Aniversário, Primária!, *Pat Graham*
  - 8 Só para Divertir

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 20.000,00; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: Cr\$ 2.500,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.  
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impendedoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e

tongânês. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Av. Paulista, 900 - 6º andar - Fone: 289-7279 - Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamos-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

# O AMBIENTE NO LAR

Mensagem da Primeira Presidência  
Presidente Gordon B. Hinckley  
Segundo conselheiro na Primeira Presidência

Que coisa difícil, às vezes desencorajadora, embora maravilhosa e desafiadora é sermos pais — pai e mãe de filhos nascidos e que estão crescendo nesta era tão complexa. Nessa tarefa, todos nós cometemos erros, geralmente muitos; todos nós já sentimos o coração partido, e bastante a maioria de nós. Mas, também sentimos orgulho e gratidão vendo nossos filhos crescer, passando da infância à maturidade.

Estou certo de que alguns de vós viestes a esta reunião, na esperança de receberdes ajuda para vossos difíceis problemas. Vós a recebestes daqueles que aqui falaram. Tenho suplicado ao Senhor que me inspire a dizer algo que vos seja útil.

Ser pai não é fácil. Para muitos implica tanta frustração, preocupação, tantos sonhos desfeitos e esperanças perdidas. Eu reconheço, é claro, que há muitos lares onde as coisas não são assim; onde tudo corre serena e calmamente; onde nunca são ouvidas vozes iradas; onde os pais são alegres e calmos, e os filhos crescem fiéis e sem sérios problemas. Se vosso lar é assim, sede gratos por isso. Agradecei ao Senhor pela maravilhosa bênção que vos foi concedida.

Mas, eu vos asseguro que há muitos lares de outro tipo, pois tenho recebido cartas sobre eles... cartas de pais e cartas de filhos e filhas. É fácil dizer que se fizermos isto ou aquilo, tudo correrá bem. Tenho visto, porém, homens e mulheres conscienciosos, pessoas fiéis e sinceras, pessoas que procuram observar os ensinamentos da Igreja e ainda assim, sentem o coração partido pela conduta dos filhos.

Conheço algumas das respostas para esses problemas, mas confesso que não sei todas. Muitos problemas são criados por nós mesmos. Em outros casos, eles parecem acontecer apesar de tudo que fazemos para evitá-los. Lembro-me de certas pessoas

maravilhosas que conheci. Os filhos mais velhos cresceram, casaram-se e prosseguiram na vida de modo a alegrar o coração dos pais. Mas depois, o filho caçula, um rapaz brilhante e capaz deixou-se desencaminhar pelos amigos de escola. Deixou o cabelo crescer e começou a vestir-se com desleixo. Fez outras coisas que deixaram seus pais muito angustiados. O pai perturbou-se; ralhou com o filho e o ameaçou; chorou e orou, e o repreendeu. Mas, nada disso adiantou. O rapaz continuou no caminho errado. A mãe também orava e chorava, mas controlou seus sentimentos e manteve a voz calma, expressando repetidamente seu amor ao filho. Ele saiu de casa. Mesmo assim, ela mantinha seu quarto arrumado, a cama feita, comida para ele na geladeira, e lhe disse que quando tivesse vontade de voltar, seria sempre bem-vindo.

Meses se passaram, enquanto seus corações se confrangiam de dor. Finalmente, o amor da mãe começou a tocar-lhe o coração. Ele passou a vir dormir em casa, de vez em quando. Sem nunca o repreender, ela sorria, brincava com ele, fazia comidas deliciosas para ele e o abraçava demonstrando amor. Finalmente, ele começou a cuidar da aparência pessoal. Passou a ficar mais em casa. Deu-se conta de que não havia outro lugar tão confortável, seguro e feliz quanto o lar que havia abandonado. E colocou sua vida em ordem. Cumpriu missão numa idade acima da maioria dos rapazes e foi um excelente missionário. Retornando da missão, voltou a estudar com afinco. A última vez que o vi, ele e a mãe, ambos abençoados com uma bela voz, cantavam um dueto enquanto alguns que conheciam a história, derramavam lágrimas.

Aos que me ouvem e que talvez tenham filhos ou filhas com o mesmo problema, eu gostaria de sugerir que nunca parem de tentar. Eles não

estarão perdidos enquanto não tiverdes desistido. Lembrai-vos de que é o amor, mais do que qualquer outra coisa, que os trará de volta. Castigos provavelmente nada conseguirão, nem reprimendas sem amor. Paciência, provas de apreço e aquele estranho e excepcional poder proveniente da oração acabarão vencedores. Com o propósito de tentar ser útil, gostaria de sugerir quatro elementos para a edificação do ambiente no lar. Sugiro que permitais que vossos filhos cresçam num lar em que haja (1) espírito de servir, (2) atmosfera de crescimento, (3) a disciplina do amor, e (4) a prática da oração.

## *O Espírito de Servir*

O egoísmo é um elemento destrutivo, atormentador e corrosivo na vida de muitos de nós. É a fonte da maior parte da tensão entre pais e filhos, e leva pais bem intencionados a ir além de suas possibilidades, nutrindo, às vezes, egoísmos prejudiciais aos filhos, mimando-os com a satisfação de seus desejos caros e desnecessários.

O contraveneno para o egoísmo é servir, dar de si aos que nos rodeiam — tanto em casa quanto fora das paredes do lar. O filho que cresce num lar onde o pai é egoísta e avarento, está sujeito a desenvolver esta mesma característica em sua própria vida. Por outro lado, o filho que vê pai e mãe se privarem de conforto para ajudar os necessitados terá tendência de seguir o mesmo padrão quando chegar à maturidade.

A criança que vê o pai ativo na Igreja, servindo a Deus pelo serviço ao próximo, tenderá a agir no mesmo espírito quando crescer. A criança que vê a mãe auxiliando os necessitados, ajudando os pobres e socorrendo os aflitos, tenderá a seguir o mesmo exemplo ao crescer.

Gostariéis de que vossos filhos

crecessem num espírito altruísta? Satisfazer seus desejos egoístas não ajudará nada. Ao invés disso, deixai que vejam no próprio lar e no seio da própria família a veracidade do grande princípio estabelecido pelo Senhor: “Pois quem quiser salvar sua vida, perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por amor de mim e do evangelho, salvá-la-á.” (Marcos 8:35.)

#### *Atmosfera de Crescimento*

Que coisa maravilhosamente interessante é observar a mente jovem crescendo e se fortalecendo. Sou um dos apreciadores do vasto potencial benéfico da televisão; mas também sou um dos que condenam a terrível perda de tempo e oportunidades quando crianças ficam assistindo horas e mais horas a coisas que não instruem, nem fortalecem. Quando eu era rapaz, vivíamos numa grande casa velha. Uma das salas era chamada de biblioteca. Tinha uma mesa maciça, uma boa lâmpada, três ou quatro cadeiras confortáveis com boa iluminação, e livros em estantes ao longo das paredes. Havia muitos volumes, adquiridos por meus pais no decorrer dos anos.

Jamais fomos forçados a lê-los, mas ficavam onde podiam ser facilmente alcançados e onde podíamos pegá-los quando quiséssemos. Naquela sala havia silêncio. Sabíamos que ali era um lugar de estudo.

Havia, também, revistas — as revistas da Igreja e duas ou três outras boas publicações. Havia muitos livros de história e literatura, livros sobre assuntos técnicos, dicionários, uma enciclopédia e um atlas. Naquele tempo, é claro, não havia televisão. O rádio surgiu quando eu era jovem. Mas havia um ambiente, uma atmosfera de aprendizagem. Não quero que nos imagineis como grandes estudiosos; mas estávamos em contacto com a boa



literatura, as idéias de grandes pensadores e a linguagem de homens e mulheres de pensamentos profundos e belo estilo.

Em muitos lares, hoje em dia, não existe a possibilidade de uma biblioteca assim. A grande maioria das famílias vive em espaços exíguos. Entretanto, com planejamento adequado pode-se

achar um cantinho que se torne um refúgio do barulho que nos cerca, para sentar, ler e meditar. É maravilhoso ter uma mesa ou escrivaninha, por mais simples que seja, na qual se encontram as obras-padrão da Igreja, alguns bons livros, as revistas publicadas pela Igreja e outras coisas dignas de nossa leitura.

Começai cedo a pôr as crianças em

contacto com livros. A mãe que não lê para seus filhos pequenos, presta um desserviço a si própria e a eles. Toma tempo, sim, muito tempo. Exige autodisciplina. Exige organização e economia de horas e minutos. Mas, nunca será tedioso observar a jovem mente descobrindo personagens, expressões e idéias. A boa leitura pode tornar-se uma paixão e muito mais proveitosa a longo prazo, do que muitas outras atividades nas quais as crianças costumam gastar tempo. Estima-se que as crianças, nos EUA, assistem a uma média de oito mil horas de televisão antes de começar a freqüentar a escola. Uma grande parte dos programas assistidos é de valor duvidoso.

Pais, esforçai-vos em criar uma boa atmosfera no lar. Fazei com que vossos filhos tenham contato com grandes pensadores, grandes idéias, verdades eternas e coisas que os edificarão e motivarão a fazer o bem.

O Senhor nos diz: "Sim, nos melhores livros procurai palavras de sabedoria; procurai conhecimento, mesmo pelo estudo e também pela fé." (D&C 88:118.) Desejo exortar cada pai que me ouve a procurar criar, no lar, uma atmosfera de aprendizagem e de crescimento que dela advirá.

#### *A Disciplina do Amor*

É claramente evidente que tanto o grande bem como o terrível mal encontrados no mundo de hoje, são os doces e os amargos frutos do que foi cultivado nas crianças de ontem.

Conforme educarmos a nova geração, assim será o mundo dentro de poucos anos. Se estais preocupados com o futuro, cuidai hoje da educação das crianças. Grande parte da insensibilidade que tanto caracteriza nossa sociedade é resultado da dureza imposta às crianças anos atrás.

Quando éramos jovens, nós

apreciávamos a ala em que vivíamos. Havia muitos tipos de pessoas naquela ala e creio que conhecia a todas. Naquela época, as pessoas raramente se mudavam. Creio que amávamos todas elas, ou seja, exceto um homem. Devo confessar que eu detestava aquele homem. Desde então, tenho-me arrependido desse sentimento, mas, recordando o passado posso senti-lo novamente com a mesma intensidade. Seus filhos mais jovens eram nossos amigos, mas eu o considerava meu inimigo. Por que tamanha aversão? Porque ele tinha um temperamento tão violento que explodia à mais leve provocação; e ele gritava com os filhos e os espancava de um modo que jamais esquecerei.

Talvez fosse porque no lar onde cresci havia um pai que, com alguma mágica silenciosa conseguia disciplinar os filhos sem castigos físicos, embora, às vezes, sem dúvida, os merecessem. Tenho visto os frutos do temperamento de nosso vizinho manifestar-se na vida atribulada de seus filhos.

Não hesito em dizer que nenhum homem que é um seguidor professo de Cristo, nenhum homem que é um membro professo desta Igreja, pode maltratar crianças sem ofender a Deus, que é Pai delas e, repudiar os ensinamentos do Salvador e seus profetas. Foi o próprio Jesus quem disse: "Mas qualquer que escandalizar um destes pequeninos, ... melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de azenha, e se submergisse na profundidade do mar." (Mateus 18:6.)

Disse Brigham Young: "Criai vossos filhos no amor e temor do Senhor; estudai suas disposições e temperamentos, e lidai com eles de maneira correspondente, nunca vos permitindo corrigi-los no calor da paixão; ensinai-os a amar-vos e não a temer-vos." (Discursos de Brigham Young, p. 320.)

*Fazei com que vossos filhos tenham contato com grandes pensadores, grandes idéias, verdades eternas e coisas que os edificarão e motivarão a fazer o bem.*



Disciplinar com severidade e crueldade levará, inevitavelmente, não à correção, mas ao ressentimento e mágoa. Não resolve nada. Só agrava o problema. É autofrustrante. O Senhor, ao estabelecer o espírito de governo na Igreja, também estabeleceu o espírito de governo no lar, nesta grande revelação:

“Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido por virtude do sacerdócio, a não ser que seja com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido;

“Reprovando às vezes com firmeza, quando movido pelo Espírito Santo (e só então, penso eu); e depois,

mostrando um amor maior por aquele que repreendeste, para que ele não te julgue seu inimigo;

“Para que ele saiba que a tua fidelidade é mais forte do que os laços da morte.” (D&C 121:41, 43-44.)

Paulo escreveu aos efésios: “E vós, pais, não provoqueis à ira vossos filhos, mas criai-os na disciplina e

admoestação do Senhor.” (Efésios 6:4.)

Quando surgirem pequenos problemas, e é inevitável que surjam, controlai-vos. Lembrai-vos da sabedoria de um antigo provérbio: “A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira.” (Provérbios 15:1.) Não há disciplina no mundo inteiro igual à disciplina do amor. Ela possui uma magia toda própria.

#### *A Prática da Oração*

Duplamente abençoado é o filho que, embora tão novo que não seja capaz de compreender as palavras, sente, no entanto, o espírito da oração quando a mãe amorosa ou o pai bondoso o ajuda com algumas palavras de oração na hora de dormir.

Afortunado, de fato, é o rapaz ou garota, incluindo aqueles na adolescência, em cujo lar existe o hábito de orar em família pela manhã e à noite.

Não conheço nenhum modo melhor de desenvolver o senso de gratidão nos filhos, do que ajoelhar-se em família, para agradecer ao Senhor pelas bênçãos recebidas. Essa humilde expressão de fé fará maravilhas para desenvolver, no coração dos filhos, o reconhecimento de que Deus é a fonte de nossas preciosas bênçãos.

Não conheço nenhum modo melhor de cultivar o desejo de fazer o que é certo, do que a família inteira pedir, humildemente, perdão àquele que tem o poder de perdoar, e pedir forças para superar as fraquezas.

Que coisa maravilhosa é orar ao Senhor em favor dos doentes e aflitos, dos famintos e destituídos, dos que estão sós e com medo, dos que se encontram escravizados e em dolorosa angústia. Quando orações assim são proferidas com sinceridade e emoção, acarretam um maior desejo de socorrer

os necessitados.

Haverá maior respeito e amor pelo bispo, pelo presidente da estaca, pelo presidente da Igreja, quando nos lembrarmos deles nas orações familiares.

Uma coisa muito importante é ensinar os filhos a orar a respeito de suas necessidades e desejos justos. Quando os membros da família se ajoelham juntos, em súplica ao Todo-Poderoso, e falam com ele de suas necessidades, cria-se no coração dos filhos a tendência natural de se voltar a Deus, como seu Pai e Amigo, nas horas de dificuldade e nos momentos críticos.

Que a oração, de manhã e à noite, tanto em família quanto individualmente, se torne um hábito enquanto vossos filhos ainda são jovens. Isto abençoará a vida deles eternamente. Nenhum pai desta Igreja pode dar-se ao luxo de negligenciar este ponto.

Meus amados amigos pais, estes são os quatro elementos que gostaria de sugerir-vos ao trabalhades na criação do ambiente do lar: (1) o espírito de servir, (2) uma atmosfera de estímulo ao crescimento, (3) a disciplina do amor divino, e (4) a prática da oração sagrada.

Que Deus vos abençoe, queridos irmãos e irmãs.

Agradeço ao Senhor pelos muitos bons pais desta Igreja, que são exemplos impressionantes de honestidade e integridade perante os filhos e o mundo. Agradeço-lhe por sua fé e dedicação. Agradeço-lhe por seu grande desejo de educarem os filhos na luz e verdade, como o Senhor ordenou. Que as bênçãos do Senhor corraem vossos esforços e que todos vós possais dizer um dia, como disse outrora João: “Não tenho maior gozo do que este: o de ouvir que os meus filhos andam na verdade.” (III João 1:4). ■

#### **Idéias para os Mestres Familiares**

*Alguns pontos que merecem ênfase!*  
Talvez os queira ressaltar na mensagem:

Quatro elementos importantes são essenciais na edificação de um ambiente sadio no lar:

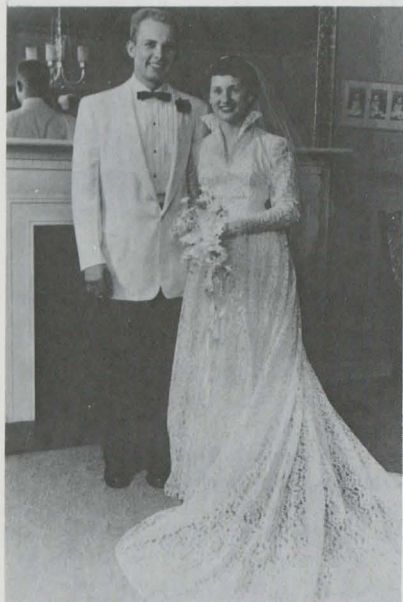
1. O espírito de servir-se mutuamente e ao próximo.
2. Uma atmosfera que contribua para o crescimento e desenvolvimento dos membros da família.
3. A decisão dos pais de usar o amor como o princípio-guia na disciplina familiar.
4. A prática da oração familiar diária, na qual a família se une na busca de orientação do Pai Celestial e do perdão de seus erros.

#### *Sugestões para a Mensagem*

1. Conte o que sente a respeito das quatro instruções citadas acima.
2. O artigo contém escrituras ou citações que a família poderia ler em voz alta e debater?
3. Seria melhor abordar este assunto depois de conversar com o chefe da família antes da visita? O líder do quorum ou o bispo tem uma mensagem para o chefe da família concernente às relações familiares?

# ÉLDER DALLIN H. OAKS: NA TRILHA DOS OUTROS APÓSTOLOS

Don L. Searle



*Dallin Oaks e June Dixon estudavam na Universidade Brigham Young quando se casaram, em 1952.*

Se houvesse ocorrido uma vaga na Corte Suprema dos Estados Unidos antes de abril de 1984, o juiz Dallin Harris Oaks da Corte Suprema de Utah, poderia ter sido candidato para preenchê-la. Afinal já havia sido cogitado para tal posição antes. Por isso, quando o repórter do *Washington Post*, junto à Corte Suprema, soube de seu novo chamado como membro do Conselho dos Doze da Igreja, telefonou para perguntar se isto significava que Dallin Oaks não mais poderia ser candidato a uma posição na mais alta corte do país.

Sim, o Élder Oaks explicou pacientemente, seu novo chamado certamente significava isso.

Mas, replicou o repórter, a posição na corte também é um chamado vitalício. Não é, também, um modo muito importante de servir?

De fato é, concordou o Élder Oaks, porém não mais importante que o

serviço que poderia prestar agora.

Àqueles capazes de entender o impacto de seu chamado como apóstolo do Senhor Jesus Cristo, ele acrescenta: “Eu o aceitei de bom grado. Estou emocionado com este chamado e tenho grande desejo de servir.”

Muitos dos que compreenderam a importância do chamado telefonaram imediatamente expressando seu amor. Diversos irmãos, companheiros de quorum, telefonaram para dar-lhe as boas-vindas.

Talvez seja parte de seu caráter receber com a mesma cordialidade todos os telefonemas, quer fosse de um membro do Quorum dos Doze ou a melhor amiga idosa de sua mãe.

Mas “ele é sempre cordial com todo mundo, não importa quem seja”, diz Janet Calder, que foi sua secretária enquanto foi presidente da Universidade Brigham Young, de 1971 a 1980.

Cordial, embora franco. Não extrovertido, mas sempre entusiasmado. Certa vez, recorda ela, ele estava recebendo um grupo de visitantes quando, durante uma pausa, a conversa se voltou para outros tipos de experiências educacionais. Em resposta a um comentário, o presidente da universidade ressaltou que nunca tivera treinamento especial para desenvolver atitude mental positiva. Um dos visitantes exclamou: “Por favor, não o faça! Com um pouquinho a mais de pensamento positivo você seria insuportável.”

“Ele é muito organizado. Ele adora trabalhar”, acrescentou a Irmã Calder. Não há como negá-lo. O Élder Oaks sempre menciona seu lema: “Trabalhe primeiro, divirta-se depois.” Sua família brinca com ele, dizendo que, na verdade, seu lema é: “Trabalhe primeiro, não se divirta nunca.”

“Nunca faço algo só por diversão. Simplesmente me divirto com o que faço”, explica ele.

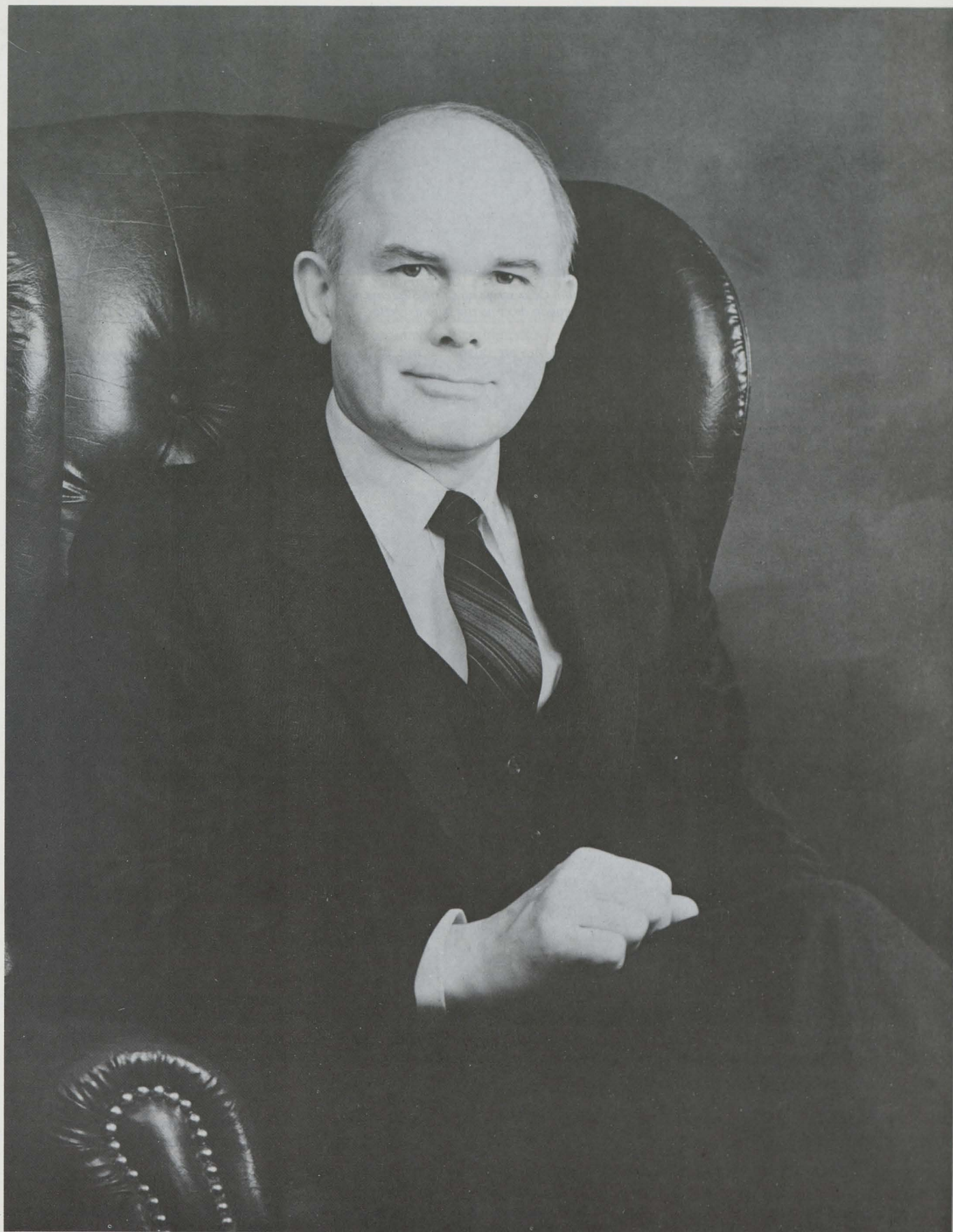
“O tempo é uma mordomia e minha meta é, simplesmente, não desperdiçá-lo.” dizia ele a um entrevistador, em 1981.

O Élder Oaks nasceu em Provo, Utah, a 12 de agosto de 1932, e sempre teve gosto pelo trabalho. Ele começou a trabalhar uns três anos após a morte do pai, para ajudar a mãe. A morte de seu pai, Dr. Lloyd Oaks, vitimado pela tuberculose, deixou a jovem viúva Stella com três filhos: Dallin, com 8 anos na época e o mais velho; Merrill, agora uma oftalmologista em Provo, Utah; e Evelyn, casada com H. Ross Hammond e que mora na cidade do Lago Salgado.

“Fui abençoado com uma mãe extraordinária”, relembra o Élder Oaks. “Ela certamente era uma das muitas mulheres nobres que viveram nestes últimos dias.” Ele a enaltece como uma mulher “de grande fé”, uma “mãe muito talentosa” e uma mulher possuidora de grande capacidade realizadora. Os que a conheceram concordariam com ele. Antes da morte em 1980, Stella Oaks era conhecida na cidade de Provo, como pessoa com grande capacidade de fazer o bem, tanto na Igreja como na comunidade.

“Ela me deu muita responsabilidade e liberdade. Sempre me incentivou a trabalhar fora”, comenta o Élder Oaks. Desde a primeira vez que fez um serviço remunerado, “aos onze ou doze anos de idade”, nunca mais parou de trabalhar.

Seu primeiro emprego foi de varredor numa oficina de conserto de rádios. Ali, teve de aprender a testar as válvulas de rádio que encontrava pelo chão, para descobrir quais estavam boas; isto o levou a um interesse pelo rádio. Começou a estudar com característico afinco. Antes de completar dezesseis anos, já era radiotelefonista licenciado de primeira classe, o que lhe permitia operar o transmissor de estação de rádio comercial, conseguindo assim trabalho numa rádio. Os gerentes de emissoras de rádio gostavam de contratar pessoas que além de técnicos podiam substituir o locutor... “mas, minha voz não mudara”, comenta ele rindo. Não demorou muito, entretanto, para que a mudança ocorresse e logo ele estava



Fotografias de Busath. Usadas com permissão.



*Antes do chamado para o Conselho dos Doze, Dallin Oaks servia na Corte Suprema de Utah. Neste retrato formal da Corte, o Élder Oaks é o segundo da esquerda para a direita.*

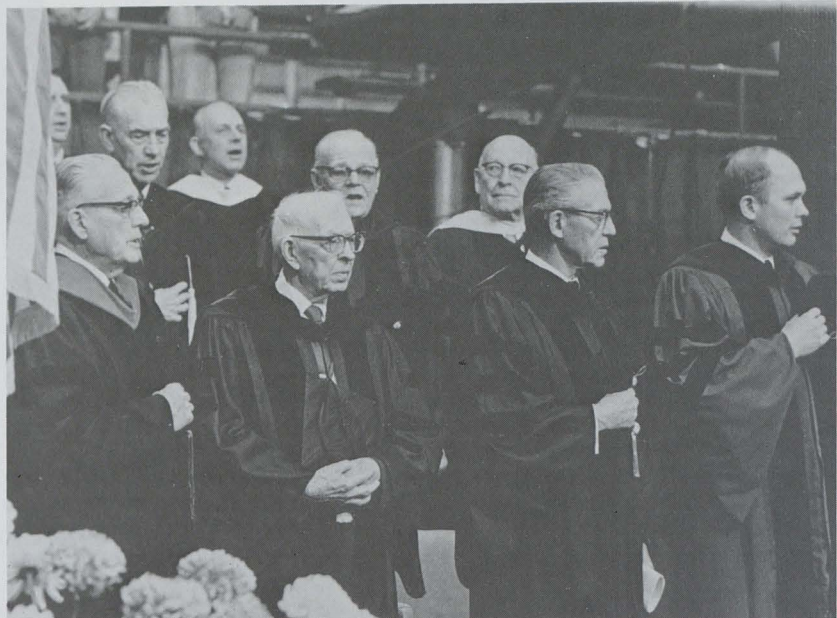
trabalhando, regularmente, como locutor.

Foi enquanto transmitia jogos de basquete colegial e estava no primeiro ano da faculdade, que sua esposa o conheceu. June Dixon ainda cursava o colegial, na cidade vizinha de Spanish Fork, quando lhe foi apresentado.

Eles se casaram no dia 24 de junho de 1952, quando estudavam na Universidade Brigham Young. A Guerra da Coreia estava no auge e como membro da Guarda Nacional de Utah, ele esperava ser chamado a qualquer momento com sua unidade para a frente de combate. Mas, enquanto outras unidades próximas foram chamadas ao serviço ativo, a sua nunca foi. Naquele tempo, um número limitado de rapazes estava sendo chamado para missão por causa da guerra, e Dallin não se encontrou entre



*Durante os anos de colégio, o jovem Dallin trabalhou como locutor numa estação de rádio, em Provo, Utah.*



*A posse de Dallin Oaks como presidente da Universidade Brigham Young, em 1971, deu motivo a esta fotografia histórica: Presidente Harold B. Lee, na fila da frente à esquerda, então primeiro conselheiro na Primeira Presidência; o presidente da Igreja, Joseph Fielding Smith; o Presidente N. Eldon Tanner, segundo conselheiro na Primeira Presidência; e o Élder Oaks. Na segunda fila, da esquerda para a direita: Élder Mark E. Petersen, do Conselho dos Doze; Presidente Marion G. Romney, atual primeiro conselheiro na Primeira Presidência e na época membro do Conselho dos Doze; Élder LeGrand Richards, do Conselho dos Doze. Última fila, da esquerda para a direita: Élder Marion D. Hanks, atual membro da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta e então assistente do Conselho dos Doze; e o Élder A. Theodore Tuttle, do Primeiro Conselho dos Setenta.*

eles, pois a quota de sua ala já estava completa.

“Creio que ele sempre desejou ter tido oportunidade de sair em missão. Mais tarde, entretanto, ele foi chamado para presidir a missão de estaca em Chicago. E ele foi um bom presidente”, comenta sua esposa.

Ela aprendeu cedo a reconhecer sua capacidade de trabalho. Enquanto cursava a Universidade Brigham Young, ele trabalhava trinta horas por semana numa emissora de rádio. Perto da época de se formar, tinha ainda um

segundo emprego como gerente de uma empresa de mudanças.

Depois de se bacharelar em contabilidade, cursou a Faculdade de Direito da Universidade de Chicago. (Nessa época o casal Oaks já tinha duas filhas: Sharmon e Cheri.) Ele pediu um empréstimo a fim de poder estudar e concentrou suas energias nos estudos. Formou-se com distinção e foi o editor do prestigioso periódico sobre Direito da Faculdade em seu último ano.

“Quando Dallin estava na Faculdade de Direito, ele saía de casa todos os dias às sete da manhã e só voltava às onze da noite”, exceto aos domingos, conta June Oaks. Ela se recorda que

ele dizia: “Há uma porção de colegas lá na faculdade mais inteligentes do que eu, nenhum, porém, mais esforçado.”

“Foram tempos difíceis”, observa ela. Mas, mesmo assim, ela conseguiu evitar o erro de muitas outras esposas de estudantes, que perturbavam o marido porque se julgavam infelizes. Ela aceitou o desafio de se tornar auto-suficiente e desenvolver seus próprios interesses.

A diligência e o conhecimento de Dallin Oaks conquistaram-lhe a

oportunidade de servir, depois de formado, como secretário de Earl Warren, presidente do Supremo Tribunal dos Estados Unidos. Um ano depois, concluída essa função, ele voltou para Chicago para começar a advogar.

Seu filho Lloyd nasceu quando Dallin estava no último ano de Direito.

O outro filho, Dallin e a filha seguinte, TruAnn, também nasceram durante os anos em que a família morou em Chicago. Esses anos proporcionaram a Dallin oportunidades de grande progresso no serviço da Igreja. Em 1961, foi chamado como presidente da missão de estaca. A Irmã Oaks comentou que o exercício da advocacia o obrigava a trabalhar de noite, e fê-lo imaginar como seria capaz de cumprir as responsabilidades do novo chamado; mas ele o aceitou pela fé. Depois que aceitou o chamado, muitas vezes encontrou meios de terminar o trabalho de advocacia mais cedo, ou de realizar mais do que pensava lhe fosse possível no tempo hábil.

Em 1961, surgiu a oportunidade de integrar o corpo docente da Faculdade de Direito de Chicago. Ele aceitou a proposta por causa da gratificação e desafio que oferecia.

Em 1963, foi chamado como segundo conselheiro na presidência da Estaca Chicago Sul. Serviu com o Presidente Lysle R. Cahoon e John Sonnenberg, primeiro conselheiro. Os três foram, mais tarde, chamados a servir como Representantes Regionais dos Doze. (O Irmão Sonnenberg foi chamado para o Primeiro Quorum dos Setenta, em outubro de 1984.)

Dallin Oaks enfrentou esse chamado com o entusiasmo de costume. O Élder Sonnenberg comenta que seu companheiro na presidência da estaca, reservava os domingos para o Senhor, mas não no "sentido acadêmico"; era óbvio que seu trabalho e estudo das escrituras faziam parte de um esforço genuíno para aprender a conhecer Deus.

Naqueles tempos, o Presidente Oaks tinha de cuidar de vários encargos ao mesmo tempo. Um deles era presidir o Comitê Disciplinar da Universidade de Chicago, encarregado de solucionar acusações a estudantes envolvidos na ocupação do prédio da administração da escola durante dezessete dias em fevereiro de 1969. Sua imparcialidade e diplomacia no trato da ação disciplinar, conquistaram-lhe a admiração dos alunos, membros do corpo docente e da comunidade.

Por volta de 1970, ele já era bem conhecido em sua profissão, tendo servido como procurador assistente do Estado no Condado de Cook, Illinois,

durante o verão de 1964; como diretor adjunto e diretor interino da Faculdade de Direito; e como professor convidado da Faculdade de Direito da Universidade de Michigan, durante o verão de 1968. Ele recebeu elogios pelo serviço como conselheiro legal do Comitê de Direitos Humanos, na Convenção Constitucional de Illinois, em 1970. Durante um período em 1970 e 1971, serviu como diretor-executivo da Fundação Americana da Ordem dos Advogados.

Quando o Irmão Sonnenberg foi chamado como presidente da Estaca Chicago Sul, em 1970, escolheu Dallin Oaks para seu primeiro conselheiro. Mas esta associação não durou muito. Com o costumeiro discernimento espiritual de um presidente de estaca, ele recorda: "Quando Ernest Wilkinson se aposentou (como presidente da Universidade Brigham Young), eu senti no mesmo instante, que Dallin Oaks seria chamado para ocupar seu lugar."

O Presidente Oaks foi reconhecido pelas muitas coisas que fez enquanto serviu na Universidade de Brigham Young, mas seu trabalho mais importante foi dar ênfase à excelência acadêmica. Tornou-se nacionalmente conhecido pela oposição à ingerência do governo no ensino particular. Era visto como porta-voz das faculdades e universidades particulares. Foi presidente por três anos da Associação Americana de Presidentes de Faculdades e Universidades Particulares.



*As filhas Cheri, à esquerda e Sharmon, a mais velha, já integravam a família Oaks quando seu pai se formou na Universidade Brigham Young e ingressou na Faculdade de Direito.*

Jeffrey R. Holland, atual presidente da Universidade Brigham Young, descreve seu predecessor como homem com "uma inestimável mescla de qualidades e capacidade", um homem cujo "esplêndido julgamento analítico é acentuado não só pela prática da advocacia, mas, o que é mais importante, por um instinto infalível".

Depois que Dallin Oaks deixou a presidência da Universidade Brigham Young, mesmo depois de prestar juramento na Corte Suprema de Utah em 1º de janeiro de 1981, surgiram



*A família posou para esta foto pouco tempo depois de o Élder Oaks tornar-se presidente da Universidade Brigham Young. De pé, da esquerda para a direita: Irmã Oaks, Cheri, Sharmon e Lloyd. Na frente: Dallin D., Presidente Oaks e TruAnn.*

oportunidades para concorrer a altos cargos e ofertas de importantes serviços federais. Ele decidiu não os aceitar porque dizia: “Nada me atrai mais na vida pública do que ser juiz.”

Alguns tipos de serviço, entretanto, têm maior prioridade. Em 1971, um telefonema do Presidente Harold B. Lee, então primeiro conselheiro na Primeira Presidência, o levou à Universidade Brigham Young, mudando o curso de sua vida. Na noite de 6 de abril de 1984, houve outro telefonema, desta vez do Presidente Gordon B. Hinckley, segundo conselheiro na Primeira Presidência; e Dallin Oaks alterou mais uma vez e de bom grado o rumo de sua vida. “Assim como o serviço na Igreja não é solicitado, também não é rejeitado”, diz ele.

Enquanto presidente da Universidade Brigham Young, sua função de administrador de uma importante universidade, talvez haja eclipsado momentaneamente, a natureza espiritual do homem. Mas, aqueles que lhe eram mais achegados, podiam sentir sua espiritualidade. “Dallin é, simplesmente, um homem que anda, constantemente, na dependência do Espírito do Senhor”, comenta Rex Lee, procurador-geral dos Estados Unidos e ex-diretor da Faculdade de Direito J. Reuben Clark da Universidade Brigham Young. O Presidente Oaks, ressalta ele, nunca se preocupou muito com “as armadilhas do status”, nem em ostentar sua formidável capacidade. “Ele é o clássico exemplo da humildade. É genuinamente isento de vaidade.”

Para aqueles que o ouviram falar na Universidade Brigham Young, havia ampla evidência da importância que dava aos princípios do evangelho. Ele salientava a estreita relação entre espiritualidade e conhecimento, com a espiritualidade necessariamente, predominante. Sempre falava sobre moralidade, arrependimento e revelação. Honestidade e integridade, em todas as fases da vida, eram seus temas centrais.

“Se penso em uma palavra que sintetize meu pai, penso em integridade. Sempre soube que nunca faria algo que fosse censurável”, diz sua filha Sharmon (agora Sra. Jack Ward). Ela se lembra que uma vez ele a repreendeu por tentar remover um selo não carimbado de um envelope, para usá-lo de novo.

Sharmon ingressou na faculdade no mesmo ano em que seu pai se tornou presidente da BYU. Frequentemente os professores, ao verem seu nome na lista, perguntavam: “Você é parente de... ah...” Ninguém completava a frase, relembra ela rindo.

Os anos na BYU foram menos atarefados que os de Chicago, comenta Lloyd. Seu pai passava mais tempo em casa. “Quase todos os sábados íamos apanhar minhocas e pescar no Rio Spanish Fork.” Após algum tempo, Lloyd (que mais tarde se formou em Geologia pela BYU), se cansava de pescar e colecionar ou atirar pedras, mas o pai continuava firme. Isto é típico dele, diz June Oaks. “Se ele pesca, pesca com a mesma intensidade com que estuda seus livros.”

Lloyd, que agora está estudando Direito na Universidade Northern Illinois em De Kalb, não se surpreendeu com o chamado do pai como Autoridade Geral. “Ele sempre foi muito achegado ao Espírito.” Certa noite Lloyd pediu o carro emprestado para ir a uma festa. Ele já estava saindo da entrada para carros quando o pai apareceu, pedindo que não fosse à festa, explicando que tinha o pressentimento de que não seria prudente. Mais tarde, souberam que outro carro havia despencado da estrada por onde Lloyd passaria, e entenderam que aquilo fora um aviso.

Sharmon também fala da proximidade do pai com o Espírito. Ela se lembra de encontrar o pai orando de joelhos, quando nos tempos de estudante chegava mais tarde em casa e ia dar boa-noite aos pais, no quarto.

Ambos os pais foram exemplos em muitos sentidos, diz ela. “Uma coisa que apreciávamos neles é que se amam.”

Tanto os filhos como os amigos dizem que é impossível explicar o sucesso de Dallin Oaks na vida sem falar de June Oaks. Seu marido concorda plenamente. “Ela fez com que o melhor em mim sobressaísse. Creio que não teria chegado a lugar algum sem ela”, diz ele. “June evitou que eu me tornasse orgulhoso e vaidoso.”

Ela é muito querida por todos que a conhecem, acrescenta ele, e é totalmente sem afetação. Quando ele era o presidente da BYU, ela recebeu o presidente do Supremo Tribunal dos Estados Unidos, o presidente e outros oficiais da Corte Suprema Soviética, o ex-presidente dos Estados Unidos, Gerald R. Ford, três presidentes da Igreja e uma porção de outras Autoridades Gerais. Ela se mostrava “tão à vontade com eles como os trabalhadores que vinham fazer algum serviço na casa”.

Ele comenta, com admiração, que ela é do tipo de mãe que se interessou por violão só para poder acompanhar a filha Jenny, então com oito anos, ao violino. Jenny está estudando música clássica, mas às vezes toca música

sertaneja só para se divertir.

Élder Oaks diz que “ela é a melhor amiga das filhas, não somente mãe, mas a melhor amiga”.

June comenta que ele sempre a apoiou, de coração, em todas as atividades — dos estudos aos chamados na Igreja. Ele a encorajou a completar seu bacharelado em sociologia, embora isso significasse ter de levar consigo os filhos pequenos e assistir às aulas em Provo, durante vários verões, deixando-o sozinho em Chicago.

“Ele tem muito de professor e educador”, comenta ela, explicando que sempre mostra artigos que acha que ela deveria ou gostaria de ler.

Ele está sempre lendo. “Ele lê três ou quatro jornais por dia” — de Washington, da Cidade do Lago Salgado e de Provo — mais as publicações da Igreja, uma porção de periódicos jurídicos, e uma grande variedade de outros livros ou revistas. Ele segue um padrão de leitura. Pela manhã, quando está mais fresco, lê assuntos técnicos, deixando as coisas mais leves para ler à tarde. Mas, sempre tem algo para ler à mão. “Se ele acha que o semáforo vai demorar para abrir, sempre pega algo para ler”, diz ela.

Provavelmente, seu tipo de leitura mudará um pouquinho com o novo chamado. Indubitavelmente, suas metas mudarão. Apesar dos anos de experiência administrativa e serviço público, diz ele: “Sinto que meus pontos fracos são maiores que meus pontos fortes.”

Embora tenha sido Representante Regional por seis anos e meio, e trabalhado outros nove numa presidência de estaca, ele ressalta que não passou pela experiência de ser bispo, presidente de missão ou presidente de templo como outras Autoridades Gerais. Nem teve a mesma experiência de ensinar através das escrituras no Sistema Educacional da Igreja. “Há tantas coisas na área eclesiástica e espiritual do reino que não fiz, que me sinto inadequado nesse aspecto.”

Onde começa o trabalho em seu novo chamado?

“Creio que começa seguindo a trilha deixada pelos outros apóstolos, fazendo as coisas que eles têm feito”, reflete ele. “Estou à disposição deles.”

Seu amigo, Élder Sonnenberg, diz que o Élder Oaks estará à altura do seu chamado porque sempre “amou e serviu o Senhor e sua família em primeiro lugar e acima de tudo”. “Há muito tempo já me parecia que ele foi escolhido para uma grande responsabilidade no reino do Senhor.” ■

# PERSEVERANDO JUNTAS: UMA ENTREVISTA COM A PRESIDÊNCIA GERAL DA SOCIEDADE DE SOCORRO



*Irmã Barbara Winder, sentada, presidente geral da Sociedade de Socorro, com Joy F. Evans (em pé, à esquerda), primeira conselheira; Joanne B. Doxey, segunda conselheira; Joan Spencer, secretária-tesoureira.*

**Pergunta:** Irmã Winder, desde seu chamado, em abril de 1984, o edifício da Sociedade de Socorro se tornou, também, sede de três auxiliares: da Sociedade de Socorro, da organização das Moças e da Primária. O que esta mudança simboliza?

**Irmã Barbara W. Winder, presidente:** Para mim, simboliza nossa unidade de propósito. Estamos, realmente, associadas na mesma grande causa.

É claro que o evangelho sempre nos uniu. As presidências gerais das auxiliares se reúnem uma vez por semana, com o desejo comum de fortalecer cada criança, jovem, mulher e família.

**Pergunta:** Vocês também observam essa mesma união a nível de ala e estaca?

**Irmã Winder:** O espírito de unidade e cooperação envolveu a todos. Vemos

as auxiliares cooperando e trabalhando juntas para fortalecer indivíduos e famílias, embora cientes de suas responsabilidades e diferenças únicas.

**Irmã Joanne B. Doxey, segunda conselheira:** Gostaria de dar um exemplo. Tendo trabalhado muitos anos na Primária, antes de meu atual chamado, vejo muitas vantagens em designar uma professora da Primária como professora visitante de um lar onde haja crianças inativas. Ao visitar esse lar mensalmente, ela pode estabelecer uma amizade capaz de fortalecer a família inteira — crianças e mãe.

**Pergunta:** Que tipo de cooperação poderia haver entre as líderes das Moças e da Sociedade de Socorro, para facilitar a transição das moças ao atingir a idade para freqüentar a Sociedade de Socorro?

**Irmã Joy F. Evans, primeira**

**conselheira:** As líderes de ala e estaca precisam trabalhar juntas para tornar essa transição significativa para as moças, e não uma mudança casual para a organização de suas mães.

Isto é algo que precisamos planejar bem, antes que as moças completem dezesseis ou dezessete anos. Precisamos plantar desde cedo as sementes na vida das moças. Quando conversarmos com elas sobre o que as espera no futuro, precisamos falar sobre a Sociedade de Socorro.

**Irmã Winder:** Exatamente... mais ou menos como preparamos os filhos para a missão. As Lauréis poderiam ser convidadas, ocasionalmente, para se juntar às mães, na reunião de Economia Doméstica. Uma jovem de destaque do PAS também pode ser convidada a falar em uma aula das Moças sobre a Sociedade de Socorro.

**Irmã Doxey:** Depois, quando passarem a freqüentar a Sociedade de Socorro, devemos ter algo maravilhoso e vital para lhes oferecer.

O entrosamento imediato é muito importante. Por exemplo, as líderes da Sociedade de Socorro poderiam designar essas jovens para serem professoras visitantes.

**Pergunta:** Com relação às professoras visitantes, o que gostaríamos de dizer às mulheres da Igreja?

**Irmã Winder:** É vital que toda irmã tenha suas professoras visitantes, para fazê-la sentir-se necessária, sentir que alguém a ama e se preocupa com ela. Mas, igualmente importante, é como a professora visitante é capaz de crescer em caridade. Designando as mulheres para professoras visitantes, nós lhes damos oportunidade de desenvolver o puro amor de Cristo, que pode ser a maior bênção de sua vida.

**Irmã Evans:** Lembro-me de uma presidente da Sociedade de Socorro de ala que conheci na Irlanda. Não tendo carro, nem telefone, ela faz as visitas de bicicleta. E fica maravilhada com seu trabalho.

**Pergunta:** Nossa congregação engloba mulheres das mais variadas condições. A seu ver, o que nos consegue unir?

**Irmã Evans:** Nosso compromisso com o evangelho. Tenho visto grandes e dedicadas mulheres em todo lugar que passo — mulheres felizes em servir nos seus chamados, desejosas de saber mais sobre o evangelho.

**Irmã Winder:** Nas pequenas comunidades que visitei, no norte do Maine, encontrei mulheres labutando juntas, quase que pela sobrevivência, naquele clima tão rigoroso. Em seguida, nas áreas mais povoadas, vi mulheres lidando com problemas diferentes... “afazeres mil” e as exigências da vida urbana. Mesmo assim, havia uma corrente comum de dedicação e compromisso, sem levar em conta o ambiente físico.

**Pergunta:** No início da Sociedade de Socorro, os serviços prestados pelas mulheres umas às outras representava literalmente, a salvação de vidas. Numa época de maior conforto para muitas de nós, como podemos ajudar-nos?

**Irmã Winder:** Não estou certa se esta época é de maior conforto. A tensão social e emocional, bem como as crescentes dificuldades econômicas fazem desta uma época em que medidas de salvação de vidas sejam também necessárias.

**Irmã Doxey:** Estive, recentemente, no Mississipi, EUA, onde as irmãs têm de fazer longas viagens para poderem reunir-se, e onde o trabalho de professoras visitantes leva o dia inteiro. Elas *precisam* dessa fraternidade de um modo muito real.

**Irmã Winder:** Uma amiga minha, da Cidade do Lago Salgado sofre de uma doença debilitante. Ela anda em uma cadeira de rodas e dirige um carro especialmente equipado para poder fazer as visitas. Depois de apanhar a companheira, dirige-se à casa de uma irmã. Esta irmã sai da casa e se senta no carro, para minha amiga dar a mensagem. Ela tem um espírito tão animado e carinhoso, que as vizinhas muitas vezes vêm reunir-se em volta do carro.

**Irmã Evans:** Sacrifícios como esses atraem o Espírito em grande abundância. É claro que não precisamos viver isoladas ou em

dificuldades para fazer sacrifícios que tragam o Espírito. Conheço algumas mulheres em situação muito confortável e que realmente dão tudo de si.

**Irmã Joan Spencer, secretária:** Recordo-me de uma irmã abastada do Arizona. Uma jovem, conhecida dela, teve de gastar todas as economias destinadas à missão, para pagar as contas de hospital de sua mãe, que estava muito doente. Essa mulher maravilhosa financiou a missão da jovem. Tanto ela como o marido entendem que, tendo sido tão abençoados, têm a obrigação e grande oportunidade de compartilhar o que é seu com outros.

**Pergunta:** Parece haver certas reservas por parte de algumas mulheres que estão em situações diferentes — casadas versus solteiras, as que trabalham fora versus as que não trabalham fora. O que as mulheres da Igreja têm em comum?

**Irmã Winder:** Fico impressionada com a atitude das mulheres nos primórdios da Igreja. Elas se uniam, algumas com muitos recursos, outras com poucos, para se ajudarem mutuamente. Juntas, elas enfrentavam seus problemas. É a fé nos princípios do evangelho que nos une. E se ficarmos unidas, teremos forças para perseverar.

**Irmã Doxey:** Toda mulher é uma filha de Deus. “Estamos guardando os mandamentos? Estamos crescendo em caridade?” A situação ou condição de uma mulher é menos importante do que esses aspectos básicos que todas compartilhamos.

**Pergunta:** As diferenças geográficas e culturais criam uma grande diversidade entre nós. Até onde as líderes locais podem adaptar o currículo básico a fim de atender suas necessidades?

**Irmã Doxey:** Sempre encorajamos as líderes a *adotar* uma lição antes de *adaptá-la*. Sabemos, é claro, que as lições precisam ser adaptadas às necessidades das irmãs de várias culturas.

**Irmã Evans:** Pode haver uma



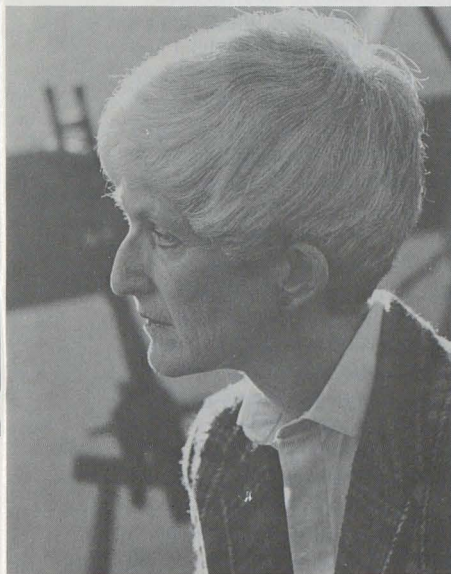
*Irmã Barbara W. Winder, presidente geral da Sociedade de Socorro.*



*Irmã Joy F. Evans, primeira conselheira.*



*Irmã Joanne B. Doxey, segunda conselheira.*



*Irmã Joan Spencer, secretária-tesoureira.*

determinada necessidade em determinada ala... algum tipo de tragédia ou, talvez, a ida de alguém pela primeira vez ao templo, o que pode exigir algum material adicional. Em momentos assim, um discurso de conferência ou um artigo de *A Liahona*, talvez possam ser úteis. Muitas lições dão margem a isso.

**Pergunta:** Como as lições do curso de estudo da Sociedade de Socorro estão sendo recebidas pelas irmãs no mundo inteiro?

**Irmã Evans:** Estamos surpresas de quão uniformemente positivas têm sido as reações das irmãs. Elas parecem gostar muito delas. Suas reações, porém, parecem variar muito de acordo com a capacidade da professora. É importante estarmos sempre cônscias da necessidade de aperfeiçoar nossas habilidades didáticas pelo fortalecimento dos programas “em serviço”.

**Irmã Doxey:** Todo nosso currículo destina-se a desenvolver uma profunda fé no Senhor Jesus Cristo. Cada lição deve ressaltar os princípios do evangelho, que são os guias para desenvolver esta fé. E isto pode acontecer durante qualquer aula... de Serviço e Solidariedade, Relações Sociais, Refinamento Cultural, Educação Maternal e Economia Doméstica, assim como nas de Viver Espiritual.

**Irmã Winder:** Esperamos que cada mulher entenda seu direito e privilégio de agir livremente com sua conseqüente responsabilidade. É evidente que precisamos de conhecimento para tomar decisões inteligentes. Quando aprendemos a obedecer e a levar uma vida consistente com nossas crenças, ganhamos integridade, que evita grande parte das aflições. Encontramos propósito na vida e somos mais felizes quando estamos comprometidos com o evangelho.

**Pergunta:** Nossa congregação agora inclui mulheres de países onde a grande necessidade é regra e não exceção. Quais são nossas responsabilidades para com elas?

**Irmã Winder:** Temos grande

preocupação com as mulheres dessas regiões do mundo, que não têm algumas das bênçãos que outras gozam. Sabemos que nosso dizimo e ofertas têm um efeito palpável na vida daquelas em necessidade, o que é um grande alívio.

**Irmã Doxey:** Nas montanhas da Guatemala, os líderes do sacerdócio ensinaram ao povo melhores métodos, de plantar milho, como lavrar a terra, e como tornar o solo mais fértil. Lá, as pessoas estão aprendendo a cuidar melhor de si, e a alimentar adequadamente os filhos. Vejo esses esforços como uma oportunidade ligada ao sacerdócio, aos quais a Sociedade de Socorro pode dar pleno apoio.

**Irmã Winder:** Penso, também, na grande obra de construção de templos. E através do dizimo e ofertas podemos apoiar a obra missionária da Igreja. Precisamos saber que estamos, de fato, fazendo algo para abençoar a vida de nossos irmãos e irmãs de todo o mundo.

**Pergunta:** O que está descrevendo é uma forma ordenada de doação sob a direção do sacerdócio?

**Irmã Doxey:** Sim, o sistema já está estabelecido. As ferramentas estão disponíveis. Só nos resta fazer uso dessas ferramentas que o Senhor proveu. Sob a direção do sacerdócio, podemos abençoar a vida do próximo. Como mulheres, nossa preocupação ultrapassa nossa esfera para toda a missão da Igreja. Estamos preocupadas com a obra missionária, e com a obra genealógica e ordenanças vicárias.

**Irmã Evans:** Quando estive na Nova Zelândia e no Tahiti, ouvi uma mulher dizendo: “Estamo-nos ensinando, mutuamente, a sermos dignas de ir ao templo.” Que coisa maravilhosa!

**Irmã Winder:** Nosso propósito é incentivar cada mulher a se fortalecer no entendimento do evangelho, a se esforçar com suas irmãs e com o sacerdócio. A palavra *esforçar* é uma palavra de trabalho. Esforçar-se não é fácil, mas traz recompensas genuínas: compromisso, fraternidade e a alegria do evangelho. ■

## CÉSAR AEDO: CONTADOR DE HISTÓRIAS SEM PALAVRAS

Don L. Searle



Ele estica ao máximo seus um e sessenta e cinco de altura, apruma os ombros esguios, faz cara de mau e se transforma no orgulhoso gigante Golias, desafiando os exércitos hebreus. No instante seguinte, ele é o jovem Davi, andando sorrateiramente pela encosta do morro com uma funda.

Então, com a mesma rapidez se transforma num fatigado pioneiro, puxando seu sobrecarregado carro de mão pelas planícies americanas. Os músculos contraídos dos braços e cada passo arrastado das pernas musculosas demonstram a dificuldade da tarefa.

Nenhuma palavra é articulada, mas ele fala ao coração e a gente entende.

César Aedo é um mímico que se vem tornando, rapidamente, conhecido na Europa. É um ex-aluno do mestre francês Marcel Marceau e tem-se

apresentado ao vivo e pela televisão na Alemanha, França e Suíça, bem como em vários países da América do Sul e Central. Em maio de 1984 fez sua primeira apresentação nos Estados Unidos. Agora assinou contrato com o Circo KNIE, um dos melhores da Europa ocidental.

Tanto no palco como fora dele, ele se mostra sempre animado, espontâneo e vivaz. Ouvindo-o falar de sua carreira, torna-se óbvio que a mesma intensidade que empresta a suas representações, ele coloca em todas as coisas que considera de valor na vida.

O Irmão Aedo é um ex-missionário, natural de Lima, Peru. Era um grande sacrifício para seu pai, um alfaiate, prover as necessidades básicas de sua grande família; mas o jovem César tinha muita vontade de estudar e obedecer ao conselho do profeta de que deveria cumprir missão. Ele sabia que seria necessário seu próprio esforço para obter tais bênçãos. Então, como já foi contado no livro de lições da Primária, de 1982, ele trabalhou lavando e encerando carros perto da escola para financiar os estudos e, mais tarde, sair em missão. A missão significava tanto para ele que não permitiu que nem uma apendicite o afastasse de seu objetivo por muito tempo. Cinco dias após a cirurgia, já estava de volta ensinando e fazendo a obra missionária. "Tenho de trabalhar. Eu sou um missionário", explicava simplesmente.

Após a missão, estudou Sociologia na Universidade Villareal, em Lima. Mas, sua grande paixão eram as artes dramáticas, por isso resolveu estudá-las também. Na verdade, seu estudo da arte de representar começara muito antes, quando tinha apenas seis anos. Ele assistia regularmente às aulas de

# PATERNIDADE: TUDO RELACIONADO AO CORAÇÃO

París, T. Holland

Primeira publicação no *Revista* de História da Arte

instrução religiosa na igreja a que então pertencia, porque, depois delas costumavam passar filmes antigos para os jovens, e ele era fascinado pelos filmes mudos de Buster Keaton, Charlie Chaplin e Harold Lloyd. César tinha nove anos quando os missionários levaram o evangelho a sua família. Aos onze anos já se apresentava nos *shows* de talento do ramo.

Depois de ter estudado na Universidade Villareal, o Irmão Aedo resolveu fazer estudos mais avançados sobre ciência política na Europa. Ele trabalhou como mímico em vários países da América do Sul e Central, até economizar dinheiro suficiente para voar para a Europa. "Fui para a Europa com meu talento e nada mais", lembra ele.

Uma série de acontecimentos, que ele considera providenciais, impediram que iniciasse seus estudos políticos de imediato. Passou várias semanas, em fins de 1979 e começo de 1980, visitando sua irmã em Genebra, Suíça... tempo suficiente para decidir que ao invés de estudar ciência política ele queria mesmo era estudar mímica com o homem mundialmente conhecido como o mestre. O Irmão Aedo sabia que, se perseverasse, o conseguiria através da fé. Por isso voltou a Paris e persistiu até que finalmente pôde falar com Marcel Marceau e se tornar um de seus alunos.

Passou três anos estudando com *Monsieur* Marceau, não somente a arte da mímica, mas também arte dramática, dança moderna e clássica, acrobacia e esgrima. Foi um dos poucos alunos capazes de pagar seus estudos e demais despesas com dinheiro ganho em apresentações de fim-de-semana e durante o verão. Atualmente, estuda com o homem que ensinou o mestre, o mentor de *Monsieur* Marceau, Etienne Decroux, de oitenta e seis anos. Ele também continua estudando dança clássica.

Seu forte é a comédia. Um de seus melhores números é o do viajante que não consegue partir porque não consegue mover uma mala excessivamente pesada. A mala, por fim, fica dependurada na ponta do braço do mímico, e depois de todo esforço de seu corpo, pretensamente incapaz de movê-la... a mala se abre e só sai um lenço!

Sua arte também tem o lado sério. "Tenho muita fé em Cristo", enfatiza, acrescentando que os talentos nos são dados na terra para ajudarmos outros, como o Salvador ensinou. O Irmão Aedo usa seu talento para ajudar, proporcionando alegria a outros e, conforme espera, retratando aspectos positivos da vida.

Ele gosta de dramatizar algumas histórias das escrituras. Tipicamente, ele as ilustra com uma demonstração. Primeiro é o irmão humilde, santo, fazendo sua oferta ao Senhor, e depois se transforma no orgulhoso, invejoso e cruel. O observador sente a piedade de Abel e a crueldade de Caim, nessa cena.

A arte de César Aedo tem, também, ajudado outros de forma bem palpável com seu trabalho, pôde financiar a missão de um seu irmão, no Canadá, e levar outros irmãos para estudar em Paris.

"Tenho podido ajudar toda minha família; não quero vangloriar-me; eu devo ao Senhor ter sido capaz de fazer tudo isto."

Agora, aos trinta anos, ele frequenta a Ala de Solteiros de Paris. Apesar de sua vida ter sido, até agora, repleta de trabalho, estudo e serviço ao próximo, ele pretende ainda se casar e constituir uma família.

"Ya viene", é seu lema, comum nos países de língua espanhola. "Já virá." ■



# PATERNIDADE: TUDO RELACIONADO AO CORAÇÃO

Patricia T. Holland

Primeira conselheira na Presidência Geral das Moças

Quando perguntaram a uma garotinha de quatro anos por que seu irmãozinho, ainda bebê, estava chorando, ela pensou por um momento e respondeu: “Bem, se você não tivesse cabelos, não tivesse dentes e suas pernas fossem bambas, você também choraria.”

Todos nós viemos ao mundo chorando e um pouco bambos. Por isso, o fato de os pais tomarem uma criança recém-nascida, que não passa de um feixe de potencialidades, e amá-la, e guiá-la, e possibilitar que dela surja um ser humano funcional é o maior de todos os milagres da ciência, a maior de todas as artes.

Quando o Senhor criou os pais, criou algo incrivelmente próximo ao que ele é. Nós, que temos dado vida a filhos, temos o conhecimento inato de que este é o maior chamado, a mais sagrada das designações... e é por isso que a mais leve falha nos causa um frustrante desespero.

Mesmo com as melhores intenções e os esforços mais sinceros, alguns de nossos filhos não são o que gostaríamos de que fossem. Às vezes, é muito difícil comunicar-se com eles. Podem estar com problemas na escola, ou emocionalmente perturbados, ou mostrar-se abertamente rebeldes ou apenas terrivelmente tímidos. Há inúmeras razões para que continuem um pouco vacilantes.

E parece que mesmo quando nossos filhos não estão tendo problemas, uma preocupação constante nos mantém imaginando como evitar-lhes tais caminhos dolorosos. Vez por outra, nos achamos pensando: “Será que estou fazendo um bom trabalho? Será que eles se sairão bem? Será que devo bater neles, ou argumentar com eles? Devo controlá-los ou ignorá-los?” A dura realidade faz com que até mesmo os melhores de nós fiquemos inseguros como pais.

Recentemente reli, no meu diário, o que escrevi quando era ainda uma jovem e apreensiva mãe:

“Oro, continuamente, para que nunca faça nada que prejudique meus filhos emocionalmente. Se acontecer, por acaso, de magoá-los de alguma forma, oro para que eles saibam que o fiz inconscientemente. Sempre fico angustiada por coisas que disse ou fiz

sem pensar, e oro para não repetir esses erros. Oro para que não faça nada que estrague meu sonho para meus filhos. Necessito desesperadamente de ajuda e direção, principalmente quando percebo que falhei com eles.”

Bem, reler isto após todos esses anos, me possibilita ver que meus filhos se estão saindo surpreendentemente bem, apesar de terem tido uma mãe tão nervosa. Estou compartilhando isto com vocês para mostrar-lhes, acima de tudo que sou como vocês — uma mãe, carregando um fardo de culpa por erros passados, pouca confiança no presente, e medo de erros futuros. Acima de tudo, quero que cada pai ou mãe, que ler estas palavras, tenha esperança.

Visto que praticamente nenhum de nós é profissional em educação infantil, vocês podem imaginar por que fiquei tão animada ao ouvir o que segue de um perito. Ele, um membro do corpo docente da Universidade Brigham Young, disse-me um dia: “Pat, a paternidade não tem quase nada a ver com treinamento; tem tudo a ver com o coração.” Quando pedi que me explicasse melhor, ele disse:

“Muitas vezes os pais pensam que a razão de não conseguirem comunicar-se com os filhos é falta de capacidade. Comunicação não é tanto uma questão de habilidade como de atitude. Quando nossa atitude é a de um coração quebrantado e humilde, de amor e interesse pelo bem-estar de nossos filhos, *isso* cultiva a comunicação. Nossos filhos reconhecem o esforço de nossa parte. Por outro lado, quando nos mostramos impacientes, hostis ou ficamos ressentidos, não importa que palavras escolhamos ou como tentemos camuflar os sentimentos, essa atitude será captada por seus corações sensíveis.”

Jacó, no Livro de Mórmon, disse que precisamos prostrar-nos em profunda humildade e nos considerar insensatos diante de Deus, se quisermos que ele nos abra o portão dos céus. (Veja 2 Néfi 9:42.)

Essa humildade, incluindo a capacidade de admitir os erros, são ambas requisitos fundamentais para receber ajuda divina e conquistar o respeito dos filhos.

Minha filha é uma jovem com

talento para a música. Por muitos anos pensei que ela não cultivaria esse talento a menos que ficasse supervisionando, qual feitor de escravos, seus estudos ao piano. Certo dia, lá pelo começo de sua adolescência, notei que minha atitude, provavelmente útil no passado, agora estava afetando nosso relacionamento. Dividida entre o medo de que ela não desenvolvesse plenamente esse dom dado por Deus e a realidade de um relacionamento cada vez mais tenso quanto ao assunto, fiz o que vi minha própria mãe fazer quando se defrontava com um grande desafio. Fui para meu lugar secreto e derramei minha alma em oração, buscando a única sabedoria que poderia ajudar-me a manter um relacionamento aberto — o tipo de sabedoria e ajuda que vem da língua dos anjos. Ao me levantar da oração, sabia o que tinha de fazer.

Como faltavam só três dias para o Natal, dei a Mary um presente, com um bilhete. Nele escrevi: “Querida Mary, sinto muito pelo conflito que tenho causado, agindo como um guarda ao piano. Devo ter parecido uma boba ali — só você, eu e minhas armas. Perdoe-me. Você está-se tornando uma moça. Eu só estava preocupada que você não se julgasse totalmente segura e realizada como mulher se deixasse seu talento inacabado. Eu amo você. Mamãe.”

Naquele dia ela me procurou, e num canto silencioso da casa, disse: “Mãe, eu sei que a senhora só quer o melhor para mim, e sempre soube disso. Mas, para tocar bem piano, *sou eu* que terei de praticar, e não a senhora!” Então, ela me envolveu com seus braços e, com lágrimas nos olhos, acrescentou: “Eu desejava dizer isto a você, mas de alguma forma, você compreendeu tudo sozinha.”

Alguns anos mais tarde, quando Mary e eu recordamos esta experiência, ela me confessou que minha capacidade de dizer “Sinto muito, eu errei, por favor, me perdoe”, deu-lhe um grande senso do próprio valor, porque fez com que ela se considerasse importante o suficiente para merecer desculpas da mãe e que, às vezes, os filhos podem estar certos. Eu me pergunto: Será que podemos receber revelação pessoal, sem nos humilharmos diante de Deus? Será que





ter amizade e ensinar os filhos não requer que nos tornemos mais como crianças? Não deveríamos compartilhar nossos mais profundos receios e dores com eles, bem como nossas mais altas esperanças e alegrias, em vez de simplesmente tentar ensiná-los, dominá-los e repreendê-los a todo momento?

Gostaria de encerrar, contando uma experiência recente.

Por três dias seguidos, meu filho Duffy (que tem onze anos e joga no time de futebol americano da escola), aparecia de surpresa de um canto qualquer de nossa casa, para me agarrar como fazem os profissionais do futebol americano. Na última vez, no esforço de evitar o ataque, caí no chão e bati no abajur; meu cotovelo direito virou e foi parar perto da sobancelha. Perdi a paciência e o repreendi por me fazer seus ataques bobos.

Sua resposta enterneceu meu coração, quando disse com lágrimas rolando pela face: "Mas, mamãe, a senhora é a melhor amiga que um rapaz poderia ter. Pensei que fosse tão divertido para você, como é para mim." E acrescentou: "Faz muito tempo que venho pensando no que direi em minha primeira entrevista, quando ganhar o troféu de melhor jogador. Quando me perguntarem como cheguei a ser tão bom, eu lhes direi: 'Eu pratiquei na minha mãe!'"

Todo filho tem de praticar na sua mãe e, o que é mais importante, toda mãe tem que praticar no seu filho. Este é o caminho do Pai Celestial para que pais e filhos alcancem a exaltação. Mencionei, no começo, que todos viemos ao mundo chorando.

Considerando todos os propósitos da vida, talvez seja compreensível que continuemos a derramar uma ou duas lágrimas de vez em quando. Mas, é bom lembrar que eles são filhos de Deus, assim como nossos também. E, acima de tudo, saber que quando precisamos de ajuda podemos atravessar o véu para consegui-la, deve-nos dar esperança resplandecente e segura.

Presto-lhes testemunho de que Deus nunca nos abandonará nessa experiência divinamente designada, e que nunca devemos desanimar com nossos filhos ou conosco mesmos. Em nome de Jesus Cristo, Amém. ■

*Ilustrado por Mark Robison*

# QUANDO OS FILHOS SE REBELAM

RELACIONADO AO CORAÇÃO

Por: T. Holland

Artigo disponível em: [www.adoracion.com.br](http://www.adoracion.com.br)

Como pais, queremos que os filhos cresçam humildes e obedientes às leis de Deus. Mas, nem todos os filhos crescem desse modo, e muitos pais têm um filho rebelde. Sabemos que amor e cuidados com os filhos podem não ser suficientes para produzir obediência. Filhos amados e ensinados podem, ainda assim, tornar-se rebeldes. Eles desobedecem, deliberadamente, a importantes regras familiares ou princípios do evangelho, continuam com um comportamento rebelde por muito tempo, e muitas vezes não demonstram pesar por suas atitudes. Sua conduta pode incluir profanidade crônica, imoralidade, uso de álcool e drogas, e cabular aulas. Muitas vezes essa rebelião começa com a não freqüência à Igreja.

Como os filhos são livres para escolher eles, às vezes, fazem a escolha errada. Embora não possamos obrigar ninguém à retidão, podemos ensiná-los por preceito e exemplo e, então, orar para que tenham a influência do Espírito Santo para escolher o que é certo. Ter um filho rebelde pode ser uma experiência frustradora e desalentadora. No entanto, embora não devamos *obrigar* os filhos a obedecer, há muito que podemos fazer.

O comportamento rebelde, muitas vezes, é resultado de alguma necessidade não satisfeita. Se não temos uma atmosfera de amor e respeito em casa, os filhos podem não querer seguir nossos ensinamentos. Os filhos precisam de liberdade para crescer, desenvolver-se, tomar decisões e aprender pelo uso desta liberdade. Se os reprimirmos com regras ou formos muito rígidos e exigentes, os filhos poderão rebelar-se só para nos embaraçar. Por outro lado, se formos muito permissivos ou não lhes dedicarmos tempo suficiente, eles poderão sentir-se ignorados. Neste caso, mostram-se rebeldes para atrair a atenção.

Os filhos poderão, também, ser rebeldes se nos virem dando mau exemplo. Não podemos ser hipócritas, dizendo uma coisa e fazendo outra, e esperar que os filhos sejam obedientes

Não podemos, por exemplo, trazer video-cassetes inadequados para casa, pular as “partes ruins” (porque já assistimos ao filme), e depois esperar que os filhos escolham bons filmes.

Às vezes, os filhos pequenos provam sua independência desobedecendo a regras familiares. É um erro ignorar esse tipo de comportamento. Há muitos modos de os filhos se sentirem independentes sem quebrar regras familiares. Se nós estipularmos os limites com firmeza, imparcialidade e coerência, enquanto os filhos são ainda pequenos, ajudá-los-emos a evitar rebeldias mais sérias futuramente.

Os pais muitas vezes se culpam pelo mau comportamento dos filhos. Quer isto seja ou não verdade (os filhos são influenciados por muitas pessoas e coisas alheias ao ambiente familiar), não ajuda em nada perder tempo nos culpando. Nem leva a nada achar que outros nos estão culpando. Muito freqüentemente esse sentimento de culpa nos afasta das reuniões da Igreja, e de outros lugares e pessoas que nos poderiam ajudar. É muito melhor reconhecer que existe um problema e, então, tentar resolvê-lo.

Consideremos algumas coisas que nós, pais, podemos fazer para ajudar um filho rebelde.

A primeira coisa, talvez, que podemos fazer seja nos olhar bem de perto, com sinceridade. O Élder Boyd K. Packer, do Conselho dos Doze, nos deu este conselho: “Pais, podemos considerar primeiro a parte mais dolorosa de seu problema? Se vocês desejam reaver seu filho ou filha, por que não desistem por um pouco de querer modificá-los, e concentram-se em si próprios? As mudanças devem começar com vocês, não com os filhos.

Vocês não podem continuar fazendo o que têm feito (*ainda que pensem ter agido acertadamente*) e esperar modificação na conduta dos filhos, quando o seu comportamento foi uma das coisas que o produziram.

São vocês, e não os filhos, que necessitam de imediata atenção.

Bem, existe uma ajuda substancial para vocês, se estão dispostos a aceitá-la...

“E se procuram uma cura *que ignora a fé e a doutrina religiosa, estão buscando onde nunca irão encontrá-la...*”

“Desde que pais e mães reconheçam que existe Deus e que somos filhos dele, terão força para enfrentar problemas como este e sair vitoriosos.

“E se fosse preciso acontecer um milagre? perguntam vocês. Bem, se for necessário mesmo, por que não?” (*A Liahona*, maio de 1971, p. 29.)

Como pais, precisamos examinar e mudar nossas próprias atitudes. Uma atitude-chave que os pais quase sempre podem tomar é a de restabelecer (ou estabelecer pela primeira vez), um relacionamento positivo com o filho. Muitas vezes um filho se rebela porque se considera solitário, ignorado ou sem valor. Ele usa o mau comportamento para chamar atenção. Dando-lhe atenção, você o ajudará a sobrepujar esses sentimentos.

Desenvolver um bom relacionamento exige tempo e sacrifício. Precisamos conversar com os filhos e não apenas falar-lhes, e ter atividades com eles.

Certa mãe contou sua tentativa inicial de fazer alguma coisa com a filha adolescente hostil. Há algum tempo a filha vinha-se dando com um grupo de jovens cuja conduta — beber, freqüentar festas até tarde da noite, cabular aulas — dera margem a muitos conflitos em casa. Logo, o único tipo de diálogo que a jovem mantinha com os pais era gritar e culpá-los. A mãe, compreendendo finalmente até que ponto seu relacionamento se havia deteriorado, decidiu fazer algo a respeito.

A filha não queria saber de fazer fosse o que fosse com a mãe, mas permitia que ela a levasse de carro, à escola todas as manhãs. As primeiras semanas foram tensas, a conversa se limitava a simples perguntas cujas respostas eram sim ou não. Mas, com o passar do tempo e vendo que a mãe não a criticaria ou condenaria, a filha começou a falar mais abertamente sobre sua vida e sentimentos com a mãe. As caronas para o colégio se tornaram mais agradáveis, e a jovem encontrou na mãe uma amiga leal.



**C**omo os filhos são livres para escolher eles, às vezes, fazem a escolha errada. Embora não possamos obrigar ninguém à retidão, podemos ensiná-los por preceito e exemplo e orar para que tenham a influência do Espírito Santo para escolher o que é certo.

**U**ma adolescente rebelde não queria saber de fazer fosse o que fosse com a mãe, mas permitia que ela a levasse de carro à escola todas as manhãs. A princípio, as caronas foram difíceis porque seu relacionamento era tenso, mas, com o tempo, a filha começou a falar mais abertamente sobre sua vida e sentimentos com a mãe.



Um filho rebelde necessita de nosso amor constante. Mesmo que não concordemos com seus atos, podemos aceitá-lo e amá-lo, mantendo-o no círculo familiar, onde podemos ensiná-lo e encorajá-lo.

Aceitar um filho rebelde não significa permitir que ele nos use ou que continue num caminho prejudicial a outros. Uma irmã viúva, cujo filho adolescente queria fumar em casa, informou-lhe a regra que governava seu lar: “Eu amo você, mas nesta casa seguimos os padrões do evangelho.” Quando o filho ameaçou sair de casa, ela respondeu: “Você será sempre bem-vindo aqui, e será amado não importa onde viva, mas enquanto estiver aqui a regra desta casa continuará a mesma.”

Não devemos permitir que um filho rebelde nos leve a negligenciar outros membros da família. Embora um filho rebelde tome muito de nosso tempo e recursos, não podemos ignorar os outros filhos. Nós somos responsáveis por aqueles que não são rebeldes.

Também é importante sermos atenciosos para com nosso cônjuge e unidos com ele. Não se deve permitir que um filho rebelde separe os pais.

Há esperança de que ele mude, mas precisamos ser pacientes e aceitar ajuda. O Élder Loren C. Dunn, do Primeiro Quorum dos Setenta, nos aconselha: “Há uma tentação sofrida pelos pais de ‘largar’ os filhos, especialmente quando estes parecem exibir-se e desrespeitar a conduta e leis morais que os pais acatam e que governam o lar, e quando parecem rebelar-se contra qualquer esforço paterno para corrigi-los ou indicar-lhes um caminho melhor.

“A tragédia de nossos tempos, ao olharmos em torno, é ver jovens em quantidade vagando à deriva — alguns em apuros e outros provocando conflitos na sociedade. Talvez não seja fácil admitir que também a esses o Pai Eterno chama de seu filho e filha.

“Oh, que possamos nós, os pais, nunca abandonar os filhos em algum caminho escuro e perigoso, por mais difícil que seja e não importa o que os tenha colocado naquela situação.

Quando alcançarem o ponto — e, às vezes, leva um tempo penosamente longo — em que necessitam de nós, rogo que tenhamos a força de não os desamparar.” (A *Liahona*, maio de 1971, p. 27.)

Não desanimemos com os filhos. Se lhes ensinamos princípios corretos, se fizermos as mudanças necessárias em nossa vida, se sempre os amarmos, muitos filhos rebeldes mudarão de

comportamento. O processo pode levar anos, mas não devemos perder a esperança.

Não precisamos carregar o fardo de um filho rebelde sozinhos. Partilhar o fardo com mais alguém, além da própria família... o bispo, amigos íntimos, conselheiros ou outros pais que tenham tido uma experiência semelhante, pode ser de grande ajuda. O Senhor é nossa maior fonte de apoio, e sempre podemos compartilhar as preocupações com ele.

Nada traz mais angústia a pais que vivem em retidão, do que um filho rebelde. A intensidade com que o filho viola regras familiares e os mandamentos pode exaurir os pais, levando-os ao limite de resistência. Mas, não adiantará nada entregar-se a sentimentos de culpa e de indignidade. Ao invés disso, podemos nos voltar para o Senhor. Ele pode nos abençoar com paciência para suportar tal comportamento, enquanto nos inspira o que fazer para mudá-lo. O Senhor abençoará todos os nossos *esforços*, mas não irá além disso. Nossos filhos continuarão sendo seus próprios árbitros. Nem o Senhor nem nós podemos obrigá-los, mas podemos fazer o máximo possível para ajudá-los e influenciá-los.

“Acho que um filho tem o direito de estar certo e o direito de estar errado, sabendo que os pais permanecerão ao lado dele, seja o que for.” (A *Liahona*, maio de 1971, p. 27.) ■

#### *Mãos à Obra!*

Uma vez lido este artigo, estas sugestões poderão ajudá-lo a aplicar o que leram em família:

1. Se vocês tem um filho rebelde, pensem em como seu filho pode ter interpretado seu interesse ou desinteresse nele. O que podem fazer para demonstrar mais interesse por ele? O que podem fazer nesta semana? Que costumes ou tradições poderiam estabelecer com ele?

2. Examinem suas atitudes de perto. Algumas delas poderiam ter influenciado seu filho a se rebelar? O que podem fazer para mudar suas atitudes?

3. Que interesses, passatempos e amigos tem seu filho? A que programas de televisão ele gosta de assistir? Que tipo de música ele gosta de ouvir? Poderiam algumas dessas coisas estar produzindo um efeito negativo nele? Discutam meios de minimizar essas influências.

4. Vocês têm orado a respeito de seu filho? Vocês têm jejuado, se necessário?

# UMA TARDE NO HAVAÍ

Kris Mackay

O barulho é do que mais se recorda Gordon Daniels. Do implacável estrondo da rebentação, com ondas de três a cinco metros de altura espatifando-se contra os rochedos e enchendo o ar com uma forte bruma até o próprio ar tornar-se quase líquido. Aquele estrondo tornava quase impossível conversar.

O céu estava nublado naquele dia,

sem as costumeiras nuvens fofas e brancas flutuando suavemente no firmamento azul, mas escuro e ameaçador, e o vento uivava ao longo dos rochedos.

Havia vinte e quatro rapazes adolescentes naquela tarde, apreciando a vista na praia ao norte de Maui Ocidental, no Havai, depois de mais de dois meses colhendo abacaxis. Era seu

último dia de folga antes de mais uma semana; depois fariam turismo pelas ilhas durante outra semana e voltariam para casa, nos Estados Unidos continental. A maioria dos rapazes, supervisionados por Gordon, já tinha seus cheques de viagem guardados nos bolsos. Eles haviam ouvido falar de uma espetacular abertura nas rochas por onde a rebentação jorrava com força. Essa abertura ficava no centro de uma rocha tabular, no outro lado da ilha, e os rapazes pediram permissão para ir vê-la.

Todos ficaram surpresos, pois a área



*Os espectadores, sem saber o que fazer, mal podiam ouvir as palavras de Greg: “Não estou conseguindo. Precisamos de ajuda.”*

norte era deserta, sem o viço ou verde do Havai a que estavam acostumados até então. O terreno lhes lembrava paisagens da lua. Não havia grama, árvore ou qualquer outro tipo de vegetação viva em todas as direções, nem mesmo um grão de areia para delinear a praia. Aguçados e irregulares rochedos de lava vulcânica desciam gradualmente até desaparecer na beira da água.

Dois grupos de doze rapazes, cada qual com seu supervisor, formavam a caravana naquele dia, viajando em um furgão e um caminhão.

Os rapazes da turma de Doug Carlsen chegaram lá dois ou três minutos antes dos da turma de Gordon. Quando desceram, devagarinho, pelas encostas acidentadas, até chegar à superfície lisa do rochedo tabular, Gordon e seu grupo encontraram seis ou sete dos rapazes sentados em volta da abertura, balançando as pernas lá dentro.

Ninguém imaginava que aquilo podia ser muito perigoso. Era uma brincadeira emocionante safar-se segundos antes que o jato d'água saísse. A cada trinta e cinco ou quarenta segundos outra onda golpeava os rochedos abaixo deles e arremessava um jato, através da passagem, numa torrente furiosa que subia uns quinze metros no ar, mantinha-se suspenso por um

momento e voltava a cair pela abertura de quase um metro, fazendo ush! Que emocionante!

A área toda era úmida e escorregadia, e quando os rapazes de Gordon correram ao encontro de seus amigos, avisaram-se mutuamente para não se desviarem para o lado do mar. Eles ficaram arrepiados só em pensar em escorregar e cair do rochedo, mas a idéia lhes parecia praticamente impossível. Ninguém esperava que acontecesse.

Então, sem dar aviso, um jato muito mais forte que os demais, explodiu com uma força tal que os obrigou a correr oito metros rochedo acima. Logo a seguir se ouviu um grito: “Onde está Mike?” E uma voz respondeu num lamento: “Creio que o vi ser tragado pela torrente!”

É estranho como os sons dos elementos parecem diferentes aos nossos ouvidos depois de se tornarem a voz do inimigo. O entusiasmo de momentos atrás, agora se transformara em terror.

Os dois líderes horrorizados correram para examinar as profundezas da passagem, que estava escura como breu. Quase que instantaneamente afastados de lá pelo jato, eles retornaram para vasculhar inutilmente a escuridão onde Mike desaparecera.

Gritaram e gritaram seu nome e não houve resposta. Por três vezes a água jorrou no ar, obrigando-os a se afastar, e por três vezes eles voltaram gritando seu nome contra o vento.

Entre a terceira e a quarta erupção, houve uma resposta, e foi bem clara: “Sim, eu estou aqui embaixo, e creio que estou bem.” Eles suspiraram de alívio, pois em cada jato de água esperavam ver pedaços do corpo despedaçado de Mike.

Todos os rapazes tiraram as calças e as amarraram formando uma espécie de corda. Não se ouviam mais respostas de Mike. Baixaram a corda gritando, já roucos, que Mike se agarrasse a ela.

Mas as ondas, as intermináveis e indomáveis ondas, golpeando a costa produziam jatos sem fim. Duas vezes

mais eles baixaram a corda, e duas vezes ela foi arremessada de volta, na cara deles, vazia.

Um dos melhores amigos de Mike se ofereceu para descer, mas a idéia foi prontamente rejeitada. As torrentes subindo e descendo há séculos pela passagem, haviam alisado suas paredes, não restando nenhuma aresta para apoiar os pés. Mesmo sendo valente, ele nunca conseguiria.

Doug Carlsen sentou-se debruçado, olhando fixamente as profundezas da passagem, com o rosto branco como cera. “O que vou fazer agora? Nós temos que salvá-lo!”

Naquele momento, um objeto na baía chamou a atenção de um dos rapazes, e puderam ver que era o Mike. Ele vagava ao sabor das ondas como uma rolha, obviamente inconsciente; mas, por incrível que pareça, com a cabeça sempre fora da água.

Doug se pôs de pé, gritando: “Tenho de ir salvá-lo!” Gordon replicou: “Você sabe nadar?” “Não muito bem, mas ele é um dos meus rapazes... eu tenho de tentar!”

Então Greg Parker, os interrompeu: “Eu sei nadar bem”, gritou contra o troar da rebentação. “Sou um ótimo escoteiro. Já recebi minha insígnia de salva-vidas e tenho certeza de que conseguirei.”

Assim Greg, um rapaz bonito, de porte atlético, e com muita auto-confiança natural, caminhou cuidadosamente pelos rochedos e entrou no mar onde Mike, enquanto isso, balançava cada vez mais perto das pontiagudas e perigosas rochas de lava. Com poderosas braçadas, Greg alcançou Mike e o levou para o mar aberto, segurando-o pelo peito a maneira dos nadadores. Mike estava em estado de choque, e Greg, segurando-o com um dos braços, procurava nadar com o outro.

Mas, para onde iriam? Se nadassem para a costa, as ondas os arremessariam contra os rochedos. A água arrebentava, continuamente, sobre suas cabeças, e era impossível impedir que entrasse nos pulmões. A



água do mar, por ser salgada, quando inalada dá vontade de vomitar, tirando as forças até mesmo do mais forte dos nadadores, e o corpo de Greg estava todo dolorido.

Nesse momento, eles estavam outra vez a uns seis metros dos rochedos pontiagudos. Os espectadores, sem saber o que fazer, mal podiam ouvir as palavras de Greg: “Não estou conseguindo. Precisamos de ajuda.”

Steve Dudley gritou: “Greg é o meu melhor amigo.” E antes que alguém pudesse impedi-lo, mergulhou nas águas revoltas. Agora, ao invés de terem de se preocupar com um rapaz, havia três.

Mas ele conseguiu alcançar os outros dois, quando Mike recuperou parte da consciência.

Mike se lembrou do horror de sentir-se tragado pela torrente na sua volta e cair numa saliência, a mais ou menos

quatro metros da superfície. Ele conseguiu agarrar-se ali, temporariamente, mas não por muito tempo. A torrente de toneladas de água, correndo de volta ao mar, o arrancou dali e o arrastou através de um túnel horizontal, expelindo-o para o mar.

Agora Greg e Steve, juntos, conseguiram levar Mike para mais longe das rochas, estando relativamente seguros por um momento. Gordon, a esta altura, se virou para o outro líder de grupo e disse: “Preciso ficar só para pensar. Voltarei num minuto.”

Ele foi para trás de uma grande rocha, onde pôde ficar sozinho, e ali ofereceu uma súplica fervorosa ao Senhor. Prometeu que tudo o que tinha ou que viesse a ter, qualquer coisa que Deus lhe pedisse, ele daria, se ajudasse a salvar os rapazes.

Ao sair de trás da rocha, Gordon avistou uma pequena enseada mais ou menos doze metros à direita. Também era cheia de pedras, mas um pouco mais protegida. Se os rapazes conseguissem chegar até lá, talvez pudessem agüentar até chamarem um helicóptero. Eles já estavam lutando contra as ondas uns vinte minutos e dava para notar que estavam ficando cansados. Apesar do vento e das ondas, ele pôde ouvi-los orar: “Ó, Deus, por favor, ajuda-nos.”

Os rapazes que estavam em terra firme se ajoelharam num círculo de oração. Gordon ficou ao lado. Veio-lhe então a idéia, quase que como uma voz, dizendo: “Você tem que acalmar o mar.”

Sua primeira reação foi de choque, ante a presunção de ser capaz de invocar tamanho poder. Moisés separou as águas, mas ele era só Gordon Daniels. O pensamento de tentar algo muito além de sua compreensão o amedrontava.

A inspiração veio novamente, e pela terceira vez: “Você tem de acalmar o mar.” Essa inspiração tomou conta de sua mente e fez com que tudo o mais ficasse em segundo plano, exceto pelo pensamento preocupante: “Serei eu, algum dia, considerado responsável por fazer mau uso de minha autoridade do sacerdócio?”

Elevando os braços aos céus ordenou, em nome de Jesus Cristo, às ondas que se acalmassem até que os rapazes fossem resgatados. O círculo de oração se desfez e os rapazes se reuniram em volta de Gordon, enquanto ele repetia a ordem pela segunda vez.

Imediatamente, as ondas encapeladas que rolavam tão implacavelmente, ficaram mais calmas. Então, duas ondas gigantes, vindo de direções opostas — de onde não surgira nenhuma antes — se encontraram no ponto em que os exaustos nadadores lutavam para continuar flutuando. As ondas levantaram e levaram os rapazes uns quatorze metros mais perto da pequena enseada.

Um dos rapazes, que assistia a

tudo, havia corrido até o caminhão para pegar uma almofada impermeável. Ele a jogou aos nadadores, com toda força, enquanto um segundo par de ondas convergia de forma idêntica às duas primeiras, e empurrava os nadadores à distância que faltava. Então, estavam a só três metros da segurança da enseada. Steve pegou a almofada e a colocou debaixo de Mike, como se fosse uma prancha de surf e, em segundos, eles estavam ao alcance dos resgatadores.

O problema era que a costa, da área protegida, não era diferente do resto daquela extensão perigosa e descampada. Havia, ainda, muitas rochas perigosas para ultrapassar e a grande possibilidade de as mesmas ondas miraculosas, que apareceram do nada e os empurraram, por duas vezes, fazê-los também em pedaços contra os implacáveis rochedos.

Gordon se pôs a correr no instante em que viu as ondas começarem a se formar de novo. Ele tinha de alcançar a enseada antes dos exaustos nadadores.

Ele entrou na água até as coxas e tentou alcançar Mike. Quando o segurou, uma onda os apanhou, cobrindo-os por completo. Com as mãos acima da cabeça, prendeu a respiração e passou Mike para os que esperavam nas rochas acima; depois fez o mesmo com Greg. Steve soltou a almofada e foi jogado contra os rochedos, antes que Gordon o alcançasse. Ficou muito arranhado nas costelas e lados.

Mike não falava coisa com coisa, mas todos os três estavam fora da água e vivos.

Todos estavam exaustos, sem forças. Quarenta e cinco minutos de emoção haviam-se passado, desde o primeiro grito assustador de "Onde está o Mike?" Eles se encostaram contra os rochedos mais próximos, esperando recuperar o fôlego. Mas, Gordon estava com uma pressa terrível de tirá-los dali, e começou a subir.

Um dos rapazes, então, se lembrou dos cheques de viagem, que estavam nos bolsos das calças, amarradas para

fazer a corda, e que ficara nos rochedos perto da abertura. Ele estava voltando para lá, para reavê-los, quando Gordon gritou: "Não! Deixe-os. Vamos cair fora daqui!"

Eles carregaram Mike nos braços; Gordon foi o último a sair. Voltou-se para uma derradeira olhada... um raio de sol atravessou as nuvens. Eram quase cinco horas da tarde. Ele estava exausto, mas muito grato.

Quando olhou mar afora, um novo tipo de onda vinha em direção à costa, não revolta como as demais, mas lisa, uniforme. Observou, fascinado, um buraco negro abrir-se na sua crista. A parte mais escura se enrolou sobre si mesma e caiu, precisamente, em cima das calças (no lugar onde todos estavam segundos atrás, e onde um rapaz estaria, se ele tivesse permitido). Quando a onda se esvaiu de volta ao mar, os rochedos estavam vazios, todas as calças haviam desaparecido, tragadas como se nunca houvessem existido.

Carregaram Mike para o lugar mais alto que puderam, e então pararam para envolvê-lo em toalhas, antes de voltar para o acampamento. Causaram um reboliço e tanto quando chegaram ao acampamento em roupas de baixo, pingando de tão molhadas.

A guarnição do corpo de bombeiros local transportou Mike, Greg e Steve para o hospital mais próximo. Os únicos ferimentos sofridos foram os cortes nas costelas de Steve e um pouco de água salgada nos pulmões de Mike. Os médicos mantiveram Mike em observação, durante a noite, espantados por haver sobrevivido para contar a história. Outros já haviam caído naquela passagem; nenhum deles saíra vivo de lá.

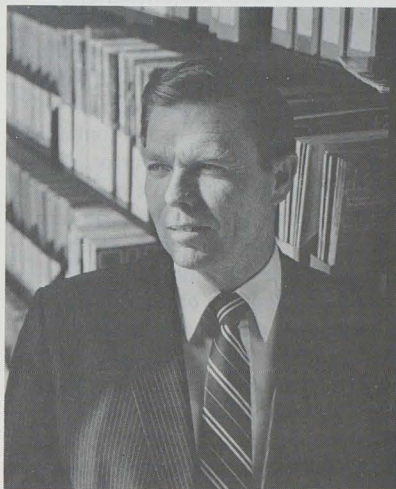
Steve e Greg foram homenageados pelo prefeito do Condado de Maui por seu excepcional ato de heroísmo.

Quanto a Gordon, ele ainda sente um arrepio na espinha, à simples lembrança do desespero daquela tarde, nas desertas costas de Maui, bem como maravilhado por haver participado do milagre. Ele não se esqueceu de sua promessa. ■

## Perguntas e Respostas

*Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.*

*Como diácono, eu gostaria de saber se há um significado especial na ordem de servir primeiro o pão e depois a água, no sacramento. Se eu encontrar alguém que não recebeu o pão, seria correto essa pessoa tomar primeiro a água, ou devo voltar para pegar o pão?*



E. Kent Pulsipher, bispo da Ala Sandy XX, Estaca Sandy Leste, Utah.

É uma pergunta muito importante sobre um assunto sagrado. Isto mostra que está encarando seu ofício, e

deveres de diácono com discernimento e inspiração. É maravilhoso quando os portadores do Sacerdócio Aarônico sentem, profundamente, a importância da obra do Senhor em que estão empenhados.

Os irmãos do Sacerdócio Aarônico que adequadamente preparam, distribuem e abençoam os emblemas do sacramento, servem de excelente exemplo aos mais jovens da Igreja. O Senhor Jesus Cristo instituiu pessoalmente o sacramento durante a Última Ceia (Mateus 26:26-28), pouco antes da crucificação e ressurreição. A oferta de sacrifícios foi substituída pela oferta de um coração quebrantado e um espírito contrito. Novos convênios foram instituídos, para serem efetuados no momento do arrependimento e batismo, e renovados tomando o pão e água do sacramento todas as semanas (D&C 20:71-74). Esses convênios incluem o reconhecimento do sacrifício de Cristo derramando seu sangue e sofrendo na carne, e tomar sobre nós o nome dele e testemunhar de que sempre nos lembraremos dele e guardaremos os mandamentos que ele nos deu (D&C 20:76-79). A consequência prometida é “que eles possam ter sempre consigo o seu Espírito”.

Com relação à reunião sacramental, na qual o sacramento é administrado, declarou o Presidente Joseph Fielding Smith: “No meu entender, a reunião sacramental é a *mais sagrada, a mais santa* de todas as reuniões da Igreja.” (*Doutrinas de Salvação*, compilado por Bruce R. McConkie, vol. 2, p. 335.)

Na conferência geral de abril de 1983, o Élder David B. Haight falou sobre o sacramento e comentou a importância de se cantar o hino sacramental como uma contribuição para uma mudança pessoal. “Estávamos aprendendo ainda garotos que, para sentir o Espírito, precisava haver uma mudança em nosso coração e que para estarmos em harmonia com ele nessa ocasião sagrada, era preciso cantarmos o hino sacramental. Cantando pessoalmente a letra, nossa

alma preparava-se para entender essa sagrada ordenança.” (*A Liahona*, julho de 1985, p. 21.)

Com relação aos procedimentos, o Senhor dá em 3 Néfi 18 alguns detalhes sobre a ordem e organização da ordenança:

“E aconteceu que Jesus ordenou aos seus discípulos que lhe trouxessem um pouco de pão e vinho.

“... Jesus tomou do pão e repartiu-o, abençoando-o; e deu-o a seus discípulos, mandando que comessem.

“E quando eles acabaram de comer e se acharam fartos, mandou que dessem à multidão.

“... ordenou a seus discípulos que tomassem do vinho, bebessem-no e o dessem à multidão para beber também. (3 Néfi 18:1, 3, 4, 8.)

Embora seja dada ênfase à renovação de nosso espírito e convênios, feitos, deve-se seguir a ordem e procedimento como delineados pelo Senhor. “E sempre cuidareis de fazer isto, tal como eu fiz.” (3 Néfi 18:6.) A perfeita ordem da ordenança foi ressaltada pelo Profeta Joseph Smith quando recebeu, por revelação, o dia “preciso” em que a Igreja seria organizada (prefácio de D&C 20). Esta seção e outras escrituras fornecem as palavras exatas das orações sacramentais (D&C 20:77, 79; Morôni 4:3, 5:2) e a ordem em que o pão e o vinho (mais tarde substituído pela água) devem ser administrados. Talvez a pequena diferença nas palavras, entre as duas orações, sugira um comprometimento progressivo. A bênção do pão diz: “... que desejam tomar sobre si o nome de teu Filho.” A bênção da água diz: “... que sempre se lembram dele.”

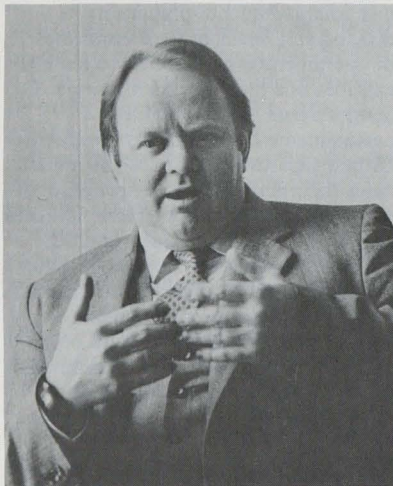
Esta parte sagrada de nossa adoração, executada de modo correto, não só abençoará nossa vida enquanto jovens, mas nos preparará para receber outros convênios e ordenanças no templo do Senhor, e nos identificará como “discípulos de Cristo”.

Estas respostas se destinam a esclarecer e orientar; não são pronunciamentos doutrinários da Igreja. ■

## Perguntas e Respostas

*Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.*

*Quando cometo um erro na oração sacramental, devo começar tudo de novo, ou posso repetir somente aquela frase?*



Mark E. Hurst, secretário-executivo do Comitê Geral dos Rapazes.

O sacramento é uma das ordenanças mais sagradas, da qual os membros da Igreja podem participar. Embora a ordenança em si seja simples, sua importância para aqueles que dela participam, tanto os que recebem como os que oficiam, é essencial. A renovação semanal dos convênios feitos nas águas do batismo, possibilita aos que participam do sacramento, comprometer-se novamente a viver de acordo com o exemplo de Jesus Cristo.

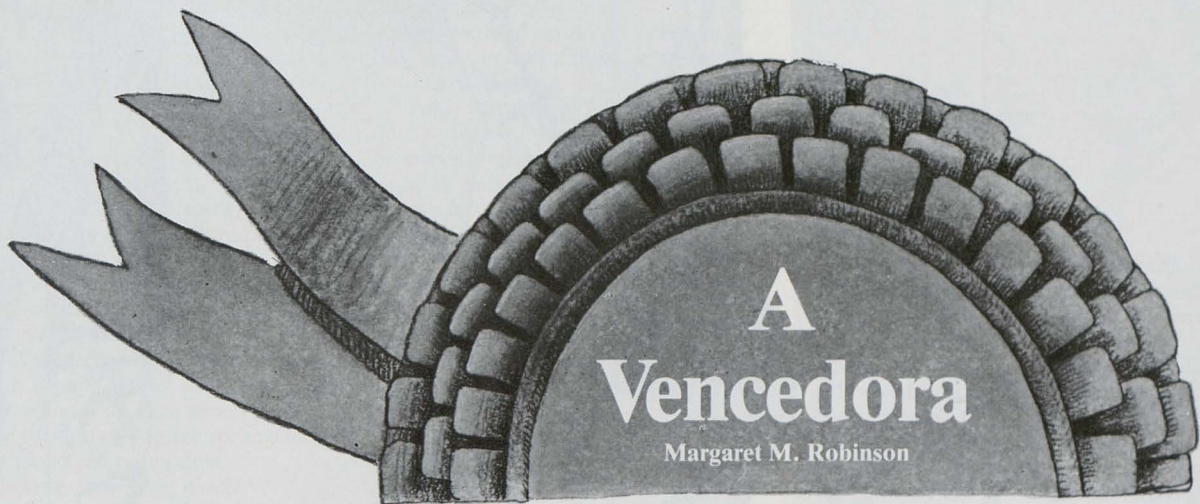
Como oficiante à mesa do sacramento, sacerdotes ou portadores dignos do Sacerdócio de Melquisedeque, que receberam esta designação, têm o privilégio de poder contribuir para a maior espiritualidade daqueles que participam da ordenança.

Uma vez que as orações

sacramentais são na verdade escritura (Morôni 4:3; Morôni 5:2; D&C 20:77, 79), o Senhor nos deu instruções específicas quanto ao modo de abençoar o pão e a água. A oferta digna e reverente dessas orações pode determinar se a ordenança do sacramento é altamente espiritual ou meramente mecânica. O livro de lições do Sacerdócio Aarônico para os sacerdotes recomenda que as orações sejam memorizadas. Estudar e compreender o propósito do sacramento e o significado das orações pode, também, melhorar grandemente o desempenho dos escolhidos para realizar a ordenança. Como na maioria dos casos, preparo e prática diminuirão a probabilidade de erros, ao proferir as orações. Embora as orações devam ser lidas dos cartões disponíveis (ou das escrituras), a familiarização com as orações e sua memorização por aqueles que as lerão, dará aos oficiantes a confiança e o conhecimento que tornarão a oferta reverente e espiritual.

Entretanto, todos erram vez por outra, e saber que podem corrigir-se facilmente sempre dá maior confiança e menos probabilidade de erros. Se o oficiante comete um erro e o corrige imediatamente, não é necessário repetir a oração inteira. Se o erro não for corrigido pelo oficiante, é responsabilidade do bispo usar de bom-senso e, sem causar embaraços, solicitar que a oração seja repetida.

Participar do sacramento é o mais importante propósito da reunião sacramental. Além da importância da ordenança em si, é o momento que determina o espírito para o resto da reunião sacramental. Ele prepara os presentes para estar em sintonia com o Espírito e tirar maior proveito dos ensinamentos do evangelho que o seguem. Aqueles que oficiam à mesa do sacramento devem fazê-lo com um senso de grande reverência pelas bênçãos que ajudam a proporcionar aos que participam do sacramento. ■



Ilustrado por Scott Greer

Quando Panda Greene resolveu participar da corrida de mil metros para meninas, ela nem mesmo pensou que tivesse alguma possibilidade. Ela praticara corrida durante toda sua vida, mas nunca participara de uma competição formal; sempre corria só para se divertir. Os alunos e professores da Escola Andrews só falavam da competição, desde que havia-se matriculado nela há três meses. Ela sabia que estaria competindo contra as melhores corredoras; e mal pôde acreditar quando chegou bem à frente de suas colegas. Quando todos na escola, de repente, souberam quem ela era, até os professores paravam nos corredores para bater um papo com ela, o que a deixava muito feliz.

“Vai, Panda! Vai! Vai!” os estudantes gritavam entusiasmados quando ela cruzava a linha de chegada, à frente de outras corredoras, durante os treinos.

A maior rival da Escola Andrews era a Escola Washington. Todos os últimos cinco anos a vencedora da competição de corrida havia sido determinada por quem vencesse na corrida de três mil metros, e fora sempre a Escola Washington que levava o troféu. Mas este ano, havia muito entusiasmo na Escola Andrews. E suas esperanças estavam depositadas em Panda. Vencer nunca parecera importante até então para Panda, mas agora ela queria muito, não por si mesma, mas por seus colegas, seus professores e pela Escola Andrews!

## Perguntas e Respostas

Respostas para perguntas enviadas por leitores e perguntas enviadas por leitores.

Quando os pais de Panda souberam da competição de corrida, ficaram tão entusiasmados quanto ela.

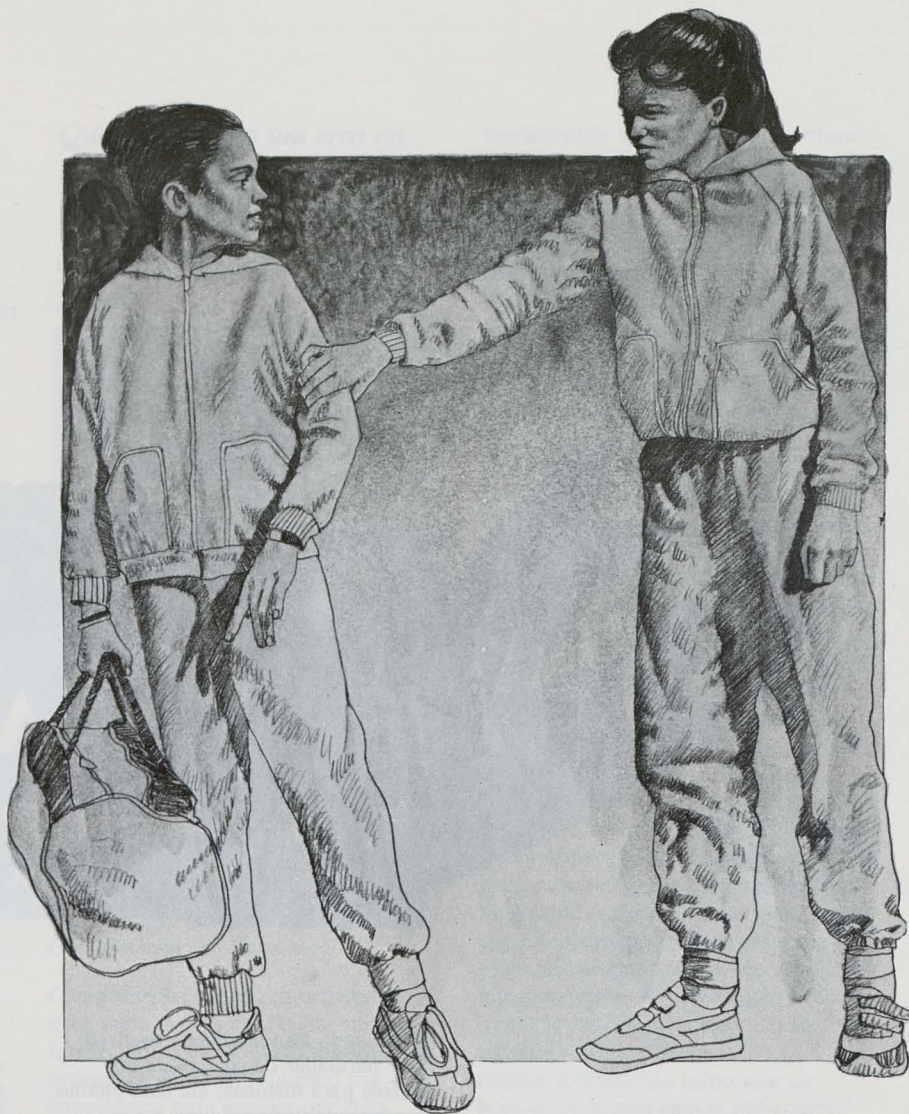
“Nós faremos tudo para estar lá”, disse-lhe a mãe com um grande abraço “Estamos muito orgulhosos de você!”

“Espere só até Vovô Greene ouvir isto”, acrescentou o pai; “creio que ele nos fará uma visita só para vê-la correr.”

Billy, o irmãozinho de oito anos de Panda, olhou para ela com olhos semicerrados. “Bem, espero que você vença, mas eu vi o time da Escola Washington sábado passado. A corredora deles parece forte, e corre como um leão da montanha.”

O aviso de Billy só aumentou a determinação de Panda de vencer. Todas as tardes, logo após a escola, ela ia para a pista de corrida da escola próxima e treinava até seus cabelos castanhos ficarem molhados de suor e os músculos doloridos das pernas gritarem: “Chega!”

Na manhã da competição, Panda se sentia muito bem. Do alto da tribuna geral, sob o sol morno, olhou para a pista lá em baixo. “É melhor você ir sentar-se com mamãe, papai e vovô, agora”, disse ao Billy, que não a largara a manhã toda. “Tenho de ir para o vestiário para me aprontar para a corrida.”



Enquanto falava, aproximou-se deles Marianne Harper, sua rival da Escola Washington. Billy estava certo, Marianne parecia forte e ligeira. E também com cara de poucos amigos.

“Eu só queria ver você de perto”, disse a Panda. “Todo mundo anda falando que você é uma boa corredora. Mas, para mim, você não parece tão boa assim.”

Billy subiu num dos bancos, para ficar da altura de Marianne. E, de queixo erguido, olhou-a ferozmente, e disse: “Bem, você está certa, porque quando a corrida começar, você só vai ver a poeira que ela levantou!”

Marianne não ligou para Billy, continuando a encarar Panda. “Você não tem nenhuma chance de vencer”, disse friamente enquanto se afastava. “Você não precisa vencer tanto quanto eu.”

Billy se voltou para Panda e perguntou: “O que ela quis dizer com isso?”

“Não sei, e nem tenho tempo para descobrir agora”, comentou Panda começando a descer para a pista. Ao se virar para acenar para Billy, Panda tropeçou num degrau com a ponta do tênis e se desequilibrou. Logo recobrou o equilíbrio, mas sentiu uma dor aguda

no tornozelo direito. Depois de apalpá-lo com cuidado, achou que não havia nada de grave com ele e então correu para o vestiário.

A corrida era de oito voltas em torno da pista de quatrocentos metros. Seis garotas, uma de cada escola primária local, estavam alinhadas na pista em posição de largada. Panda estava na faixa de dentro; Marianne Harper na faixa ao lado dela. Foi dado o tiro de largada, e Marianne logo liderou o grupo.

Panda controlava as passadas, concentrando-se na respiração. *Relaxe, dizia a si mesma. Respire profunda e regularmente.*

Ao final da segunda volta, duas garotas — Marianne Harper e Sue Winton da Escola Longfellow, estavam na frente, e Panda continuava com suas passadas regulares. A escola toda contava com ela, e ela não queria decepcioná-los. Na terceira volta, só Marianne estava entre ela e a vitória. Mas, seu tropeção na tribuna de honra fora pior do que Panda suspeitara, e as pisadas seguidas na dura superfície da pista estavam afetando seu tornozelo. A cada passo sua perna doía terrivelmente. *Tenho de vencer!* pensou. *Esqueça a dor. Corra! Corra! Corra!*

Panda viu sua chance de vencer no meio da última volta. Marianne estava mostrando sinais de cansaço. Panda aumentou sua velocidade, diminuindo a diferença até que as duas garotas estavam correndo lado a lado. Marianne olhou de relance para Panda; seu olhar era duro e frio. Estava claro que não se deixaria vencer facilmente.

Quando só faltavam quarenta e cinco metros a serem percorridos, Panda sentiu uma dor lancinante como que rasgando sua perna; sentiu o tornozelo falsear fazendo-a cair. Suas mãos raspavam na pista, ficando em carne viva. Sangue escorria de seus joelhos e sua boca estava cheia de areia grossa, enquanto via Marianne cruzar zunindo a linha de chegada.

Uma festa havia sido preparada no auditório do colégio para todas as

concorrentes, tanto para as vencedoras, como para as perdedoras, logo após a competição. Como Panda queria muito participar apesar dos ferimentos, seus pais a levaram da enfermaria direto para a festa, e lá a colocaram numa cadeira. No mesmo instante, ficou rodeada de amigos preocupados com ela, querendo consolá-la e alegrá-la. Billy ficou ao seu lado, enquanto os pais e avô conversavam com vários outros pais e professores.

“Sua perna dói muito?” perguntou Billy quando seus amigos se afastaram por um momento.

“Não, não muito”, disse Panda. “O doutor disse que ela estará boa dentro de mais ou menos uma semana. Eu só tenho de deixá-la em repouso.”

Billy foi o primeiro a avistar Marianne Harper vindo na direção deles. “Oh, não. Aí vem problema!” sussurrou ele.

Panda esperava que Marianne zombasse dela, mas seu rosto estava sério. “Sinto muito por sua perna”, disse ela, “Eu queria demais vencer, mas não assim.”

“Não foi culpa sua”, disse Panda. “Você me venceu honestamente. Você é a vencedora.”

“Será que sou mesmo? Dê uma olhada”, disse Marianne apontando os muitos pais, professores e alunos no salão. “Sua família inteira está aqui... e tantos amigos! Eles não se importam que você perdeu. Continuam-lhe fazendo festa.” Ela balançou sua cabeça tristemente.

“Pensei que talvez tudo fosse diferente se eu ganhasse, mas não é. Meus colegas de escola só vieram por causa do troféu, e meus pais nem mesmo apareceram.”

Marianne já ia indo embora, quando Panda a segurou pelo braço, dizendo: “Espere... Você vai para o Ginásio Jefferson no ano que vem, não vai?”

Marianne fez que sim com a cabeça. “Eu também”, disse Panda. “Talvez possamos entrar no time de revezamento juntas. Seríamos grandes parceiras.”

“Você acha mesmo?”

“É claro”, respondeu Panda.



“Então você já tem uma parceira!” Marianne sorriu timidamente ao sair, mas seus olhos estavam molhados de lágrimas.

“Não entendi”, disse Billy. “Ela é a vencedora. Vencedoras não choram.”

“Às vezes choram, Billy”, respondeu Panda pensativa. “Acho que existem muitas coisas mais importantes do que vencer.”

“É”, disse Billy, “como ter um irmão.”

Panda pôs seu braço ao redor dos ombros de Billy e concordou com um largo sorriso: “Sim, como ter um irmão!” ■

## Isaque Encontra Rebeca

Nos dias de Abraão era costume que os pais escolhessem cônjuges para seus filhos. Abraão queria encontrar uma boa esposa para seu filho Isaque, mas isso não seria nada fácil. Abraão vivia em Canã e não queria que Isaque se casasse com uma mulher cananita, pois os cananitas adoravam deuses falsos. Ele queria que Isaque se casasse com uma mulher digna, que o ajudasse a permanecer fiel ao Deus vivo e que ensinasse a verdade a seus filhos. Só desta forma poderia o sacerdócio permanecer com os descendentes de Abraão. Sem o sacerdócio eles não poderiam receber as bênçãos especiais que o Senhor lhes havia prometido.

Abraão chamou à sua presença seu servo mais velho e lhe pediu que procurasse uma esposa para Isaque. Disse ele: “Eu quero que jures pelo Senhor, Deus do céu e da terra, que não tomarás para meu filho mulher dentre as filhas dos cananeus, mas que irás à minha terra, a Mesopotâmia, e lá, entre meu próprio povo, escolherás uma esposa para ele.”

O servo fiel sabia ser esta uma designação muito séria e importante, portanto, perguntou: “Se porventura a mulher não quiser seguir-me a esta terra? Não deveria eu levar Isaque comigo, para que a mulher e sua família possam aprová-lo?”

Abraão respondeu: “Guarda-te de fazeres tornar para lá meu filho.” Abraão não queria que Isaque fosse para outra terra, onde poderia sentir-se tentado a ficar. O Senhor tinha dado a terra de Canã a Abraão e sua família como herança, e Abraão não queria que ela saísse de lá.

Abraão disse ao servo: “O Senhor enviará seu anjo adiante de ti, e ele te ajudará a encontrar uma mulher para



Isaque.”

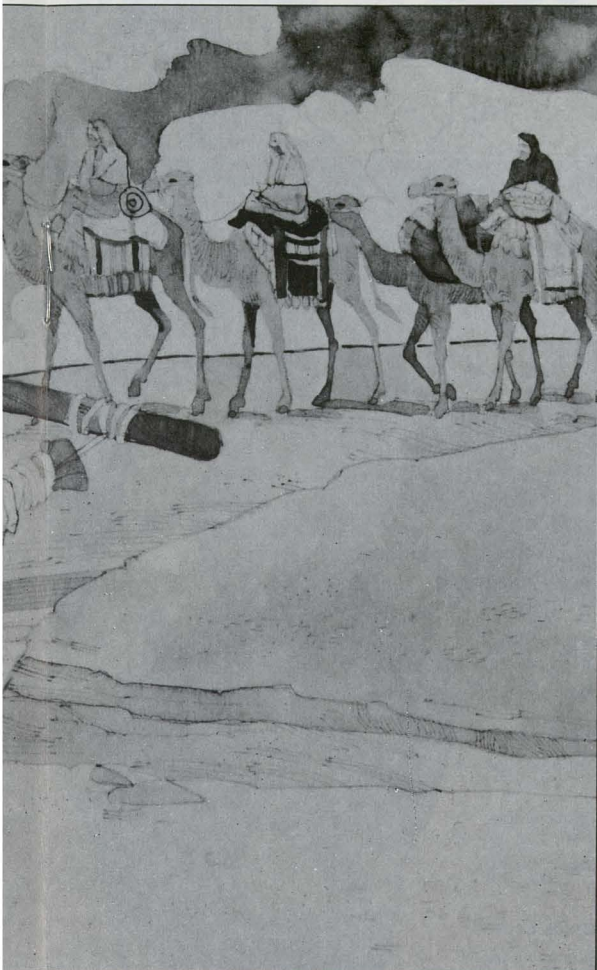
Sabedor disto, o servo deu a mão a Abraão e fez o juramento de seguir todas as suas instruções.

O servo começou a jornada com uma caravana de dez camelos e alguns homens para ajudá-lo. Viajou para a Mesopotâmia, para a cidade onde vivia Naor. Ao chegar fez com que seus camelos descansassem fora da cidade, ao lado de uma fonte de água. Era de tarde, e muitas mulheres estavam tirando água do poço. O servo não conhecia ninguém, nem sabia como encontrar a mulher que o Senhor tinha escolhido para ser esposa de Isaque. Ele precisava de ajuda; portanto, orou dizendo: “Ó Senhor, eis que eu estou em pé junto à fonte, e as filhas dos

homens desta cidade vêm saindo para tirar água; faze, pois, que a donzela a quem eu disser: ‘Abaixa o teu cântaro, peço-te, para que eu beba’; e ela responder: ‘Bebe, e também darei de beber aos teus camelos’, seja aquela que designaste para o teu servo Isaque.”

Antes que ele tivesse acabado de orar, uma linda jovem se aproximou. Seu nome era Rebeca, e não só era linda, mas também virtuosa e graciosa. Ela amava o Senhor e tentava guardar seus mandamentos. Graças a isto, foi abençoada pelo Senhor.

Ao sair do poço com seu cântaro cheio, o servo correu a encontrá-la. “Deixa-me beber, peço-te, um pouco de água do teu cântaro”, disse ele.



“Bebe, meu senhor”, replicou a jovem. E então, depois de ter-lhe dado de beber, ela ofereceu: “Tirarei também água para os teus camelos.” Este era o sinal que o servo tinha pedido, portanto, ele ficou sabendo que Rebeca era a mulher que o Senhor tinha escolhido para casar com Isaque.

Depois de os camelos terem bebido, o servo perguntou a Rebeca: “De quem és filha? dize-mo, peço-te. Há lugar em casa de teu pai para nós pousarmos?”

A resposta da moça foi causa de grande alegria para o servo. Ela lhe disse ser filha de Betuel e neta de Naor. O servo sabia que Naor era irmão de Abraão e compreendeu que tinha sido conduzido à casa dos

parentes de Abraão. Curvando a cabeça, ele agradeceu a Deus.

Rebeca, ao ouvi-lo orar, soube que ele era servo de seu tio-avô Abraão. Cheia de animação correu para casa, para contar à família, que também ficou toda contente. O irmão de Rebeca, Labão, correu até o servo, que permanecia junto ao poço. “Entra, bendito do Senhor”, convidou Labão. “Eu já preparei a casa, e lugar para os camelos.”

Mais tarde Labão pediu ao servo que comesse, mas o servo respondeu: “Não comerei, até que conte por que estou aqui.” Então o servo contou à família o motivo por que Abraão o havia enviado à Mesopotâmia. Disse-lhes que tinha sido conduzido pelo Senhor até o poço e que tinha orado pedindo um sinal que o ajudasse a saber qual seria a mulher de Isaque. Disse-lhes ainda que Rebeca tinha sido a escolhida pelo Senhor, e pediu ao pai e ao irmão da moça permissão para levá-la para Canaã, para se casar com Isaque.

A família de Rebeca era muito boa. A resposta que deram mostrou sua grande fé e confiança no Senhor. Disseram eles: “Do Senhor procede este negócio; toma-a e vai-te; seja ela a mulher do filho de teu senhor, como tem dito o Senhor.”

Ao ouvir isto o servo de Abraão novamente se curvou até a terra e agradeceu a Deus. Em seguida trouxe jóias de prata e ouro e roupas e deu-as a Rebeca; para a mãe e irmão ele deu outros presentes valiosos.

Depois de esses importantes arranjos terem sido feitos o servo se sentiu aliviado, comeu e passou a noite com a família de Rebeca.

De manhã ele disse: “Deixai-me ir a meu Senhor.”

A mãe e o irmão da moça não queriam vê-la partir tão cedo e rogaram: “Fique ela conosco alguns dias, e depois então irá.”

O servo, porém, respondeu: “Não me detenhais, visto que o Senhor me tem prosperado o caminho; deixai-me partir, para que eu volte a meu

senhor.”

“Primeiro vamos perguntar a Rebeca”, responderam eles; chamando a moça, perguntaram-lhe: “Irás tu com este homem?”

Graças à sua grande fé Rebeca sabia que o Senhor haveria de abençoá-la, e respondeu: “Irei.” Rebeca ia deixar a família que tanto amava, para morar numa terra estranha e casar-se com um homem que nunca conhecera, porque sabia que era aquilo o que devia fazer.

A família de Rebeca tinha conhecimento das grandes promessas feitas a Abraão e seus descendentes. Eles sabiam que ao se casar com Isaque, sua filha tinha uma missão especial a cumprir. Ela deveria ser a mãe de muitas nações. Ao se despedirem dela, abençoaram-na e disseram: “Irmã nossa, sê tu a mãe de milhares.”

Então, montando nos camelos, Rebeca e suas moças seguiram o servo de Abraão.

Lá em Canaã, Isaque esperava as boas novas. Ele sabia que o Senhor dirigiria os passos do servo, de modo que ele haveria de encontrar a mulher certa para ser sua esposa. Uma tarde dirigiu-se ao campo para orar. Ao levantar os olhos, viu a caravana que voltava da Mesopotâmia e correu ao seu encontro.

Ao se aproximar foi visto por Rebeca, que perguntou ao servo: “Quem é aquele homem que vem pelo campo ao nosso encontro?”

O servo respondeu: “É Isaque.”

Rebeca cobriu rapidamente o rosto com um véu\* e pulou do camelo para cumprimentar Isaque. Sua animação era grande, pois estava para conhecer o homem que Deus tinha escolhido para ser seu marido.

Isaque e Rebeca tinham confiado no Senhor, e ele fez com que os jovens se tornassem marido e mulher. ■

(Esta história se encontra em Gênesis 24.)

\* Na época de Rebeca as mulheres usavam um “véu” para cobrir o rosto, especialmente na presença de um homem que ainda não conheciam.

# Feliz Aniversário, Primária!

Pat Graham

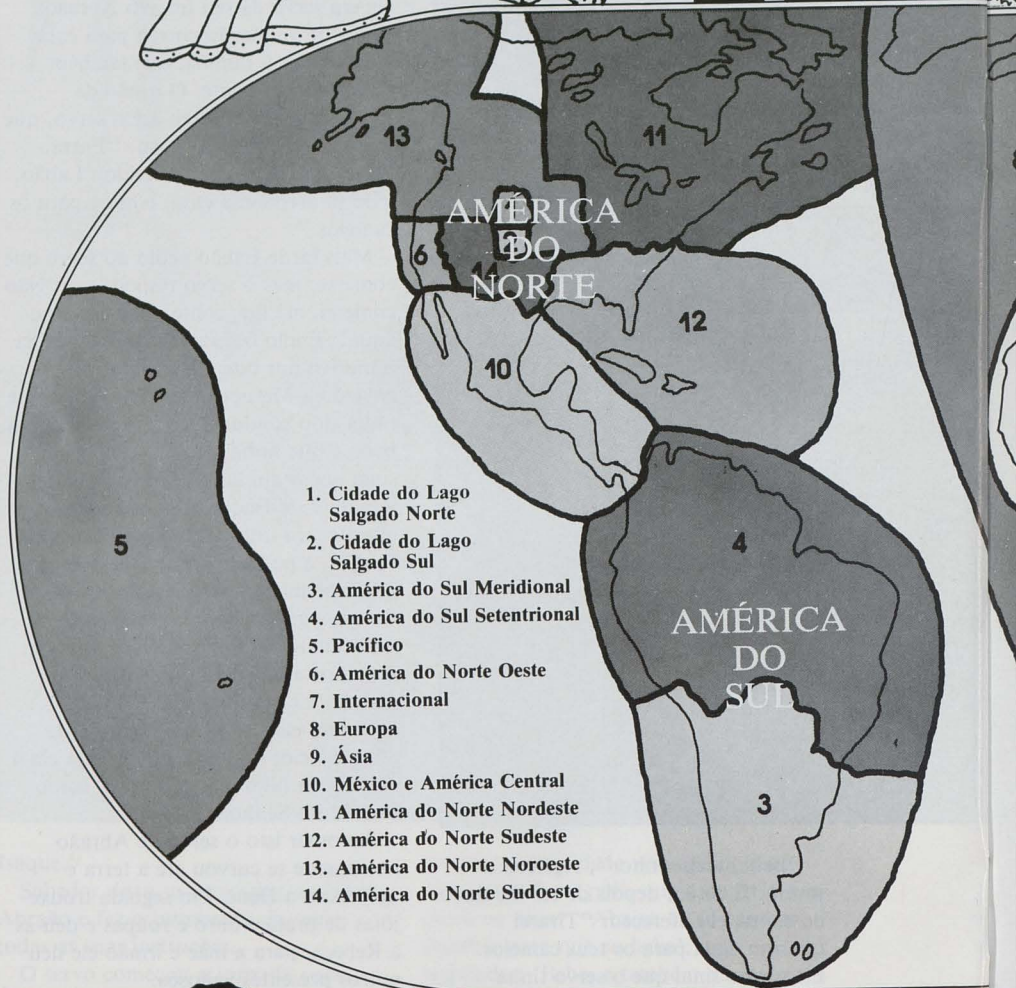
**E**todos os teus filhos serão ensinados do Senhor; e a paz de teus filhos será abundante. (Isaías 54:13.)

Certo dia, no último semestre de 1878, duzentas e vinte e quatro crianças se reuniram numa capela feita de pedras, na cidade de Farmington, Estado de Utah, nos Estados Unidos, para assistir à primeira reunião da Primária e serem ensinadas “sobre tudo que fosse bom e como se comportar bem”. Hoje, mais de oitocentas e vinte e cinco mil crianças de todo o mundo freqüentam a Primária e aprendem que são filhas de Deus. A Primária está crescendo em número, e mais crianças estão crescendo no evangelho.

Porque a Igreja tem crescido muito depressa, seus líderes dividiram o mundo em quatorze áreas geográficas, para melhor atender às necessidades dos membros. Olhe cuidadosamente as crianças destas páginas, vestidas com roupas típicas de seus países; depois, pinte-as com lápis de cor e faça uma linha partindo de cada criança até a área ou país que ela representa. É maravilhoso pertencer a uma organização que está crescendo e tem membros no mundo inteiro! ■

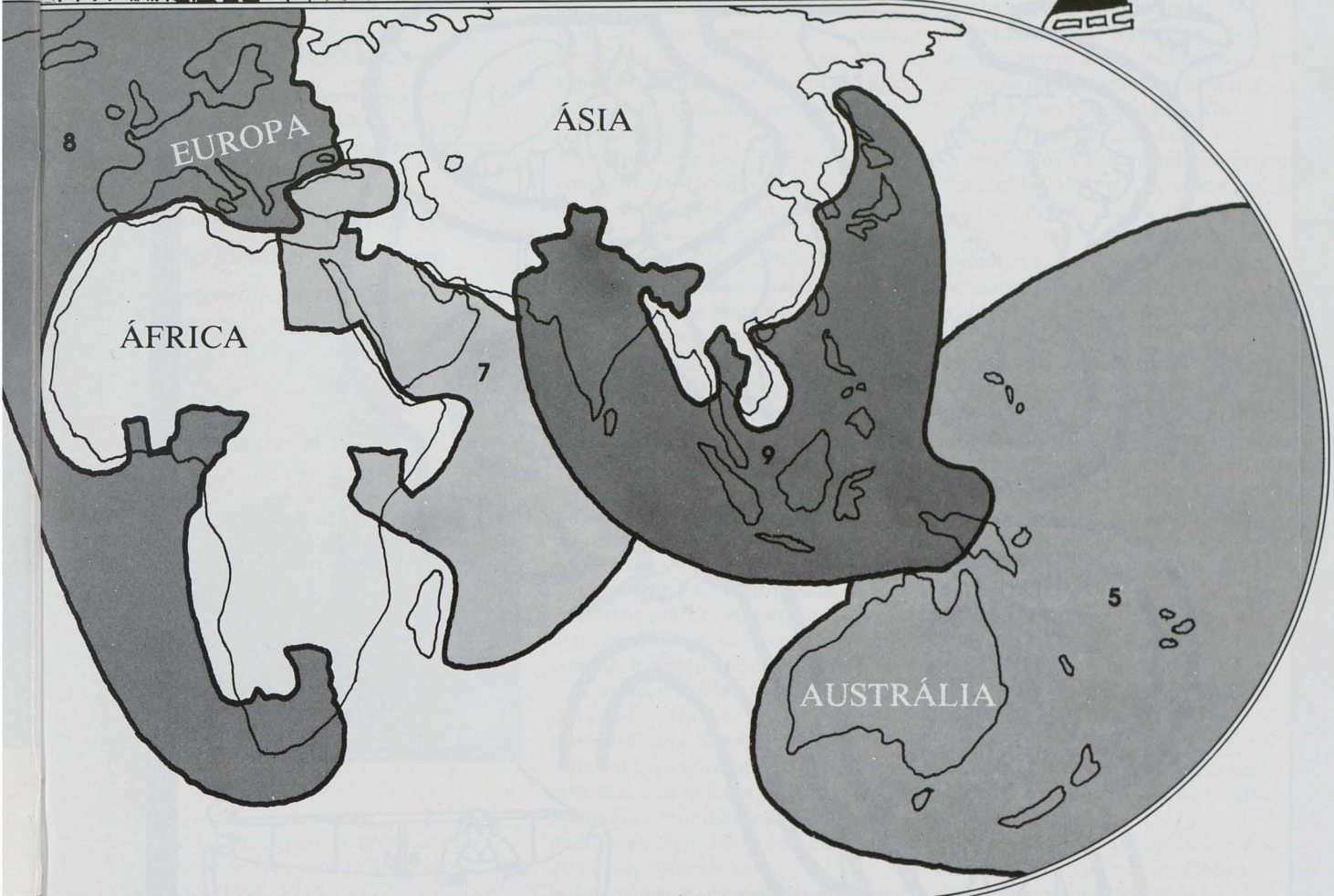
## Sugestões para o Tempo de Compartilhar

1. Pesquisar a história da Primária na sua área e contar como a Igreja cresceu aí. Fazer uma exposição de recordações ou memórias da Primária local.
2. Escrever cartas para crianças da Primária de outra área.
3. Planejar uma festa de aniversário para a Primária.



1. Cidade do Lago Salgado Norte
2. Cidade do Lago Salgado Sul
3. América do Sul Meridional
4. América do Sul Setentrional
5. Pacífico
6. América do Norte Oeste
7. Internacional
8. Europa
9. Ásia
10. México e América Central
11. América do Norte Nordeste
12. América do Norte Sudeste
13. América do Norte Noroeste
14. América do Norte Sudoeste

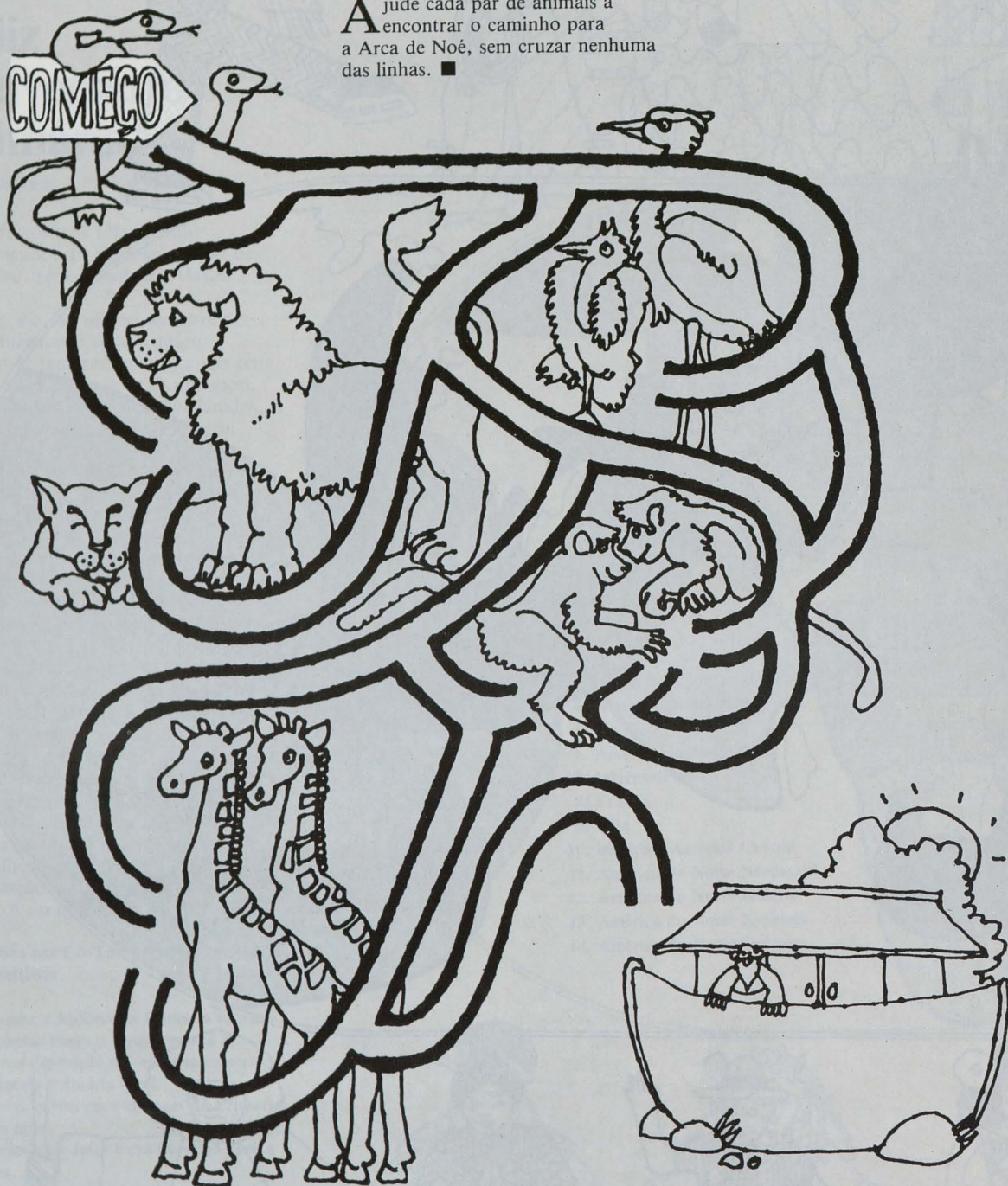




# A Arca de Noé

Angele Fitzgerald

Ajude cada par de animais a encontrar o caminho para a Arca de Noé, sem cruzar nenhuma das linhas. ■



## Perguntas e Respostas

*Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.*

*Como posso melhorar o relacionamento com meu companheiro de missão?*



Joe J. Christensen, ex-presidente do Centro de Treinamento Missionário, Provo, Utah, EUA

Ter um bom relacionamento com os companheiros de missão é uma das mais importantes conquistas que você precisa realizar na missão. Aqui vão algumas sugestões que podem ajudá-lo a melhorar o relacionamento com o companheiro:

1. *Comprometa-se a servir o companheiro.* Um dos mais seguros meios de desenvolver amor a outra pessoa é servi-la de modo bem pessoal. Dois companheiros que haviam tido dificuldades de relacionamento, descobriram esse princípio quando um deles ficou doente, e teve que ficar acamado, o Élder Blake fez tudo que podia para ajudar seu companheiro doente. O Élder Waite ficou muito surpreso quando acordou e descobriu que, enquanto dormia com febre, o Élder Blake havia limpado e engraxado seus sapatos, e também cuidado de pôr em ordem o apartamento. “Comecei a compreender”, diz o Élder Waite, “que precisava ser mais prestativo ao meu companheiro. A partir daquele dia, comecei a nascer verdadeira amizade e apreço mútuo entre nós.”

2. *Estudem e orem juntos diariamente.* Há uma grande força na mensagem do evangelho. Se os companheiros estudam, diariamente, as escrituras e os grandes princípios do evangelho com espírito de oração, fica muito mais fácil sobrepujar eventuais diferenças. Quando orar individualmente, e especialmente com o companheiro, lembre-se de agradecer ao Pai Celestial pelo privilégio de poder servir com uma pessoa com tantas boas qualidades, como seu companheiro possui. Ore para que consigam sobrepujar diferenças e se relacionar bem.

3. *Aprenda a se comunicar sobre eventuais diferenças de modo positivo.* Lembre-se de que todos temos imperfeições e algumas peculiaridades pessoais que podem tornar difícil a convivência conosco. Neste mundo só existiu uma única pessoa perfeita —

obviamente o Salvador. Todos nós somos imperfeitos. Devemos reconhecer, desde o princípio, que sempre haverá desentendimentos, e que devemos estar preparados para nos esforçar para sobrepujá-los. Os companheiros de missão são aconselhados a fazer regularmente uma “avaliação” de seu relacionamento, na qual são incentivados a dialogar de maneira franca e positiva sobre como melhorar a convivência. Uma boa pergunta, que você deveria fazer, regularmente, ao companheiro, é: “O que posso fazer para ser um companheiro melhor para você?”

4. *Comprometa-se a viver como é esperado de um missionário.* Se você está vivendo princípios corretos, jamais haverá desculpa para seu companheiro reclamar com você por não estar cumprindo as regras da Missão. O missionário designado a servir com um companheiro não muito dedicado ao trabalho, sofre muito. Certa vez, um missionário escreveu para casa, dizendo: “As coisas não andam bem por aqui ultimamente, porque não consigo tirar meu companheiro da cama de manhã e trabalhar de verdade.” Certifique-se de que o companheiro nunca possa dizer algo parecido de você, e assim fortalecerá seu relacionamento.

Os missionários que aprendem a se entender bem com o companheiro desenvolvem a habilidade de se relacionar bem com pessoas das mais diversas personalidades. Essa experiência não só os ajudará a serem bons missionários, como lhes será útil muito após a missão, no trabalho, no serviço da Igreja e, especificamente, em seu próprio casamento e família.

Todos são abençoados quando os missionários aprendem a se relacionar bem. Lembre-se de que o Espírito não continuará presente em uma atmosfera de contendas e dissensão, e sem o Espírito os missionários não têm sucesso. ■

## ESTES SÃO SEUS DIAS

Élder Neal A. Maxwell  
do Quorum dos Doze

Quer ter vivido em outra época, embora compreensível, na maioria das vezes não é útil. Uma pessoa dos tempos do Livro de Mórmon, escreveu: “Sim, oxalá tivessem sido aqueles os meus dias; então minha alma se teria regozijado.” (Helamã 7:8.) Ainda assim, esse líder veio a compreender como o chamado de Deus, para servir em determinada época, é tão parte de seu chamado como cumprir certos deveres durante nossos dias.

Portanto, jovens da Igreja, por designação divina, estes são os seus dias! Vocês viverão numa época de cumprimento de profecias, de fusão da história, de promessas especiais, de violentos contrastes, e de abençoada confirmação de esperanças.

Como parte da geração emergente, vocês em minha opinião, evitarão o erro de alguns rapazes e moças do passado: “E após ela levantou-se outra geração que não conhecia ao Senhor, nem tampouco a obra que ele fizera a Israel.” (Juízes 2:10.)

E igualmente, evitarão assim, a triste conseqüência experimentada por outra geração, da qual se lê: “Pois eis que muitos de seus filhos, à medida que cresciam em idade e força, começavam a viver por conta própria, deixando-se levar.” (3 Nêfi 1:29.)

Mesmo assim, possivelmente verão alguns de seus amigos, na Igreja, que tiveram a mesma instrução que vocês, caírem, se tornarem dissidentes, “esquecendo-se por completo do Senhor seu Deus”. (Veja Alma 47:36.)

Quando tinha dezoito anos, fui quase que diretamente da formatura do colegial para a II Guerra Mundial, levando comigo uma cópia da minha bênção patriarcal, que ficou borrada de tanto ser lida. Eu a lia como consolo e para renovar as esperanças de um jovem e amedrontado soldado, durante a batalha na Ilha de Okinawa, no Oceano Pacífico. Pouco antes a escola havia-me provocado algumas crises de auto-estima. Criar porcos para um projeto do clube agrícola não favoreceu meu convívio social com certas pessoas; um grave problema de acne, muito menos; e não ser muito alto significou, entre outras coisas, não conseguir entrar no time de basquete. Todas essas coisas combinadas produziram frustração pessoal, pouco antes de minha partida para a guerra.

Mas, como vinha de um lar de pais amorosos e “de boa família”, eu sabia quem eu era e tinha algum vislumbre do futuro. Sabia, também, que o Senhor me amava. Quanto ao resto, sentia-me inseguro e cheio de ansiedades.

Alguns de vocês, da nova geração SUD, me impressionam por serem espiritualmente mais avançados, tendo certas qualidades dos três jovens chamados Sadraque, Mésaque e Abednego. Estes jovens discípulos recusaram-se a ajoelhar e adorar o ídolo de ouro do Rei Nabucodonosor. Quando se viram na iminência de perder a vida queimados na fornalha, deram uma das mais clássicas respostas de toda a história humana. Depositavam confiança e fé incondicional no Senhor... que poderia ou não salvá-los; isto era de somenos.

“Eis que o nosso Deus, a quem nós servimos, pode-nos livrar da fornalha de fogo ardente; e ele nos livrará da tua mão, ó rei.

“Mas se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste.” (Daniel 3:17-18; grifo nosso.)



Fotos de Grant Henton

*Almejem um futuro claro e brilhante. Vocês estão nesta época e circunstância por designação divina. Deus os conhece e sabe o que são capazes de fazer.*

O Senhor estará com vocês em sua "fornalha ardente" pessoal. E tais experiências virão, como nos diz Pedro:

"Amados, não estranheis a ardente provação que vem sobre vós para vos experimentar, como se coisa estranha vos acontecesse." (I Pedro 4:12.)

Dentre minhas sugestões a vocês nestes seus dias, estão:

1. Aprendam a desenvolver reflexos retos. Eles os livrarão de ter de enfrentar cada nova tentação outra vez. Aqueles que se afligem a cada tentação, não só perdem tempo mas podem perder a alma.
2. Aprendam a distinguir a alegria do prazer. Por exemplo, não se deixem levar pelo riso do mundo, pois não passa de uma multidão solitária tentando auto-afirmar-se.
3. Mantenham a fé, e a fé os sustentará.
4. Divirtam-se sadiamente, mas aprendam a ser sérios quanto à alegria.
5. Sejam diferentes do mundo, de modo a fazer diferença no mundo.
6. Aprendam a ver drogas, álcool, pornografia e imoralidade como realmente são — um ataque ousado e direto à sua liberdade pessoal e às suas oportunidades de felicidade. Essas coisas destroem o corpo e a mente; calcinam a sensibilidade da alma. Fazendo mau uso de sua capacidade de sentir, vocês a destruirão.
7. Não permitam que os apetites

*Vocês viverão numa época em que a paz será tirada da terra. Mas, podem ter a paz do Senhor no coração e no lar.*

destruam suas crenças. O que está escrito no Livro de Mórmon é verdade, independentemente do que está escrito ou não em sua agenda social.

8. O tempo está voando para vocês e sua vida, mesmo sendo jovens. Enquanto amadurecem, as semanas se tornam dias, os meses se tornam semanas e anos, meses. Cedo ou tarde poderão dizer com Jacó: “Nossa vida... passou como se fosse um sonho.” (Jacó 7:26.) Além disso, o tempo passa mais rapidamente quando estamos alegre e ansiosamente comprometidos: “Assim serviu Jacó sete anos por Raquel; e foram aos seus olhos como poucos dias, pelo muito que a amava.” (Gênesis 29:20.)

9. Vocês podem saber, por si mesmos, que Jesus vive, que esta é a sua Igreja, e que seu evangelho é verdadeiro. Mas, o caminho é um só, e não existem caminhos fáceis ou atalhos: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se falo de mim mesmo.” (João 7:17.)

10. Vocês nem sempre serão capazes de explicar o que está acontecendo a vocês ou ao seu redor. Daí a necessidade de ter profunda confiança e fé no Pai Celestial. Como Néfi há muito tempo atrás, vocês podem aprender a dizer: “Sei que ele ama seus filhos; não conheço, no entanto, o significado de todas as coisas.” (1 Néfi 11:17.) Isto é tudo que podemos saber, às vezes; contudo, é o suficiente!

Vocês foram chamados por Deus, colocados por Deus nesta época e circunstância. E ele os conhece melhor do que vocês próprios. Ele sabe o que são capazes de fazer. No entanto, Deus não se contentará com vocês como são agora, por mais admiráveis que sejam, porque ele sabe o que poderão tornar-se!

Haverá muitos desafios. Seus dias serão como os dias de Noé. (Veja Mateus 24:37-42.) Mas, este será também um tempo em que a Igreja crescerá e seus membros se espalharão

por toda a face da terra. (Veja 1 Néfi 4:14.)

Mais e mais estacas da Igreja serão estabelecidas, bem como mais e mais templos.

Sim, vocês viverão numa época em que a paz será tirada da terra. (D&C 1:35.) Mas podem ter a paz do Senhor no coração e no lar — paz esta que ultrapassa o entendimento. (Ver João 14:27; Filipenses 4:7.)

Sim, vocês viverão numa época em que, por causa da iniquidade, o amor de muitos esfriará. (Ver Mateus 24:12.) Mas, ainda assim, poderão ter amor no coração e no lar.

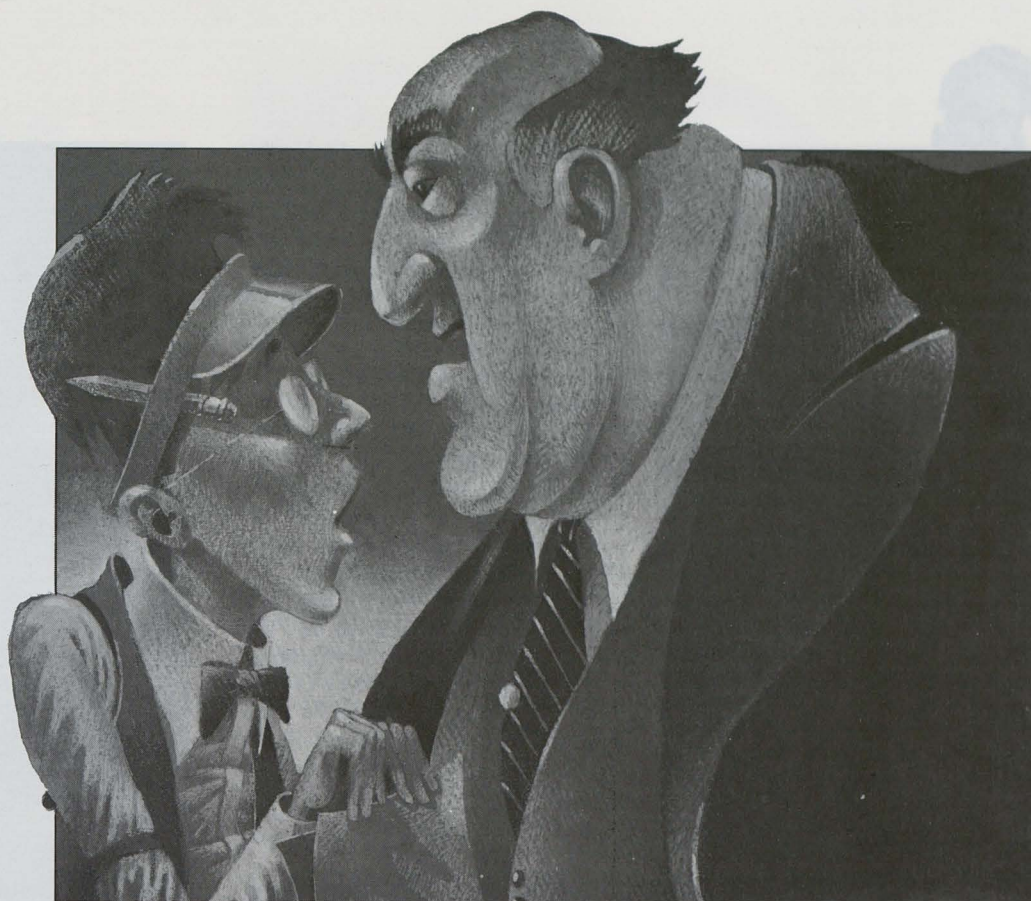
Sim, vocês viverão numa época em que muitos, por causa da iniquidade, se desesperarão com a condição humana. (Ver Morôni 10:22.) Mas vocês podem estar entre o povo de Deus que estará armado com “a justiça e o poder de Deus, em... grande glória”. (1 Néfi 14:14.) O Senhor estará no meio do seu povo. Ele os conduzirá e guiará.

“E não podeis suportar tudo agora; contudo, tende bom ânimo, pois eu vos guiarei. Vosso é o reino e as suas bênçãos, e vossas as riquezas da eternidade. (D&C 78:18.)

“E haverá grandes tribulações entre os filhos dos homens, mas a meu povo preservarei.” (Moisés 7:61.)

Sim, vocês viverão numa época em que muitas pessoas não acreditarão nas santas escrituras. (Ver Moisés 1:41.) Contudo, vocês verão como as escrituras, as antigas e as modernas, crescerão juntas (ver 2 Néfi 3:12), especialmente à medida que aprenderem a usá-las.

Sim, vocês também viverão numa época em que considerarão Jesus cada vez mais como “uma coisa sem valor” (1 Néfi 19:9); alguns o considerarão, meramente, um homem (ver Mosiah 3:9), mas vocês podem ter Jesus como seu Pastor e modelo. Além disso, o mandamento dele a vocês é tornar-se “mesmo como eu sou”. (3 Néfi 27:27.) ■



## BOLSOS CHEIOS DE PEDRAS

Larry Hiller

**M**arcos Peres era ainda rapaz quando começou a colocar pedras nos bolsos. Tudo começou quando seu chefe, “seu” Goes, ficou bravo com ele por algo que não era sua culpa. Como não podia responder para o patrão, pois poderia perder o emprego, não havia nada que ele pudesse fazer, a não ser guardar a raiva para si. “Mas”, pensou, “não vou esquecer isto. De modo algum.”

Ao descer do ônibus, a caminho de casa, pensou consigo: “Tenho que me lembrar da minha raiva. Não quero esquecê-la quando acordar de manhã.” De repente, teve uma idéia. Havia uma

pedrinha na calçada, bem na frente dele. Ele a pegou e murmurou para si: “Vou guardar esta pedra no bolso, para não esquecer como o “seu” Goes foi injusto comigo.”

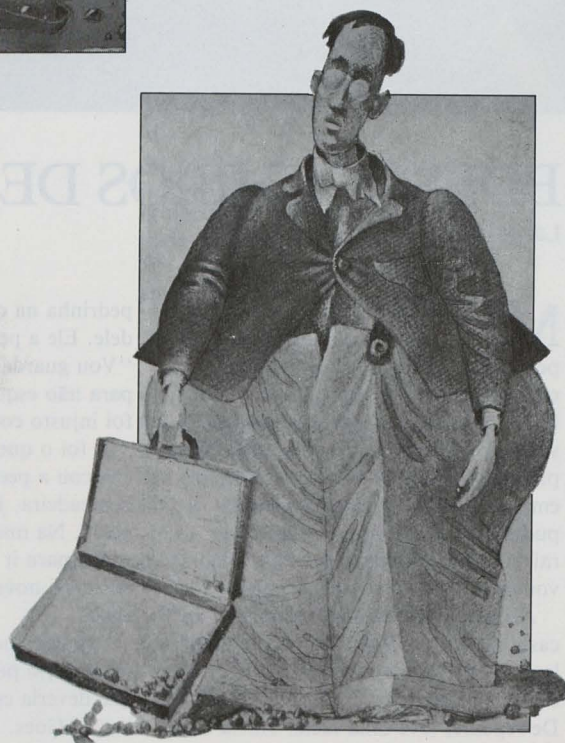
E foi o que fez. Naquela noite, ele colocou a pedrinha sobre a penteadeira, junto com as chaves e o pente. Na manhã seguinte, quando se vestiu para ir trabalhar, a feia pedra cinza foi novamente para o bolso da calça.

Durante todo aquele dia e o seguinte, o peso no bolso lembrou-lhe que deveria continuar com raiva do “seu” Goes. Estranhamente, este



parecia ter esquecido a coisa toda. Mas não Marcos Peres. Ah, não. Na verdade, nas duas semanas seguintes, o “seu” Goes fez Marcos passar raiva várias vezes mais, e então decidiu que seria melhor usar uma pedra para cada vez, para não perder a conta.

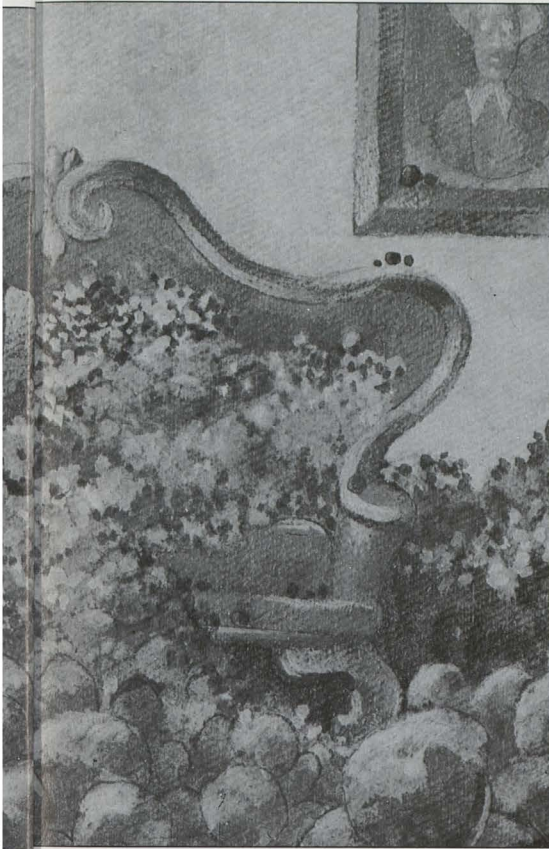
E foi assim que as calças de Marcos começaram a parecer largonas e estranhas. Mas pelo menos ele se lembrava de não perdoar o “seu” Goes, ou ser amigável, ou qualquer coisa parecida. Talvez, se Marcos se tivesse limitado a apanhar pedras quando ficava com raiva do “seu” Goes, a coisa toda teria caído no esquecimento. Mas, houve o motorista de táxi que passou e o deixou na chuva. E lá se foi, para o bolso, um reluzente pedregulho molhado da sarjeta. (É claro que Marcos não tinha nem idéia do nome do motorista de táxi, mas isso não importava.) E depois



foi o caixa da mercearia, que não lhe deu o troco certo. E o jornalista que jogou seu jornal na poça d’água. E o cachorro do vizinho, que latia à noite. E... bem, Marcos descobriu que havia uma infinidade de pessoas e coisas, neste mundo, capazes de nos irritar.

Falando em descobertas, Marcos também descobriu que quando todos os bolsos estão cheios de pedras, a cinta não consegue segurar as calças. (Ele descobriu isso quando seus braços estavam carregados de pacotes, na mercearia.) Então, ele fez para si resistentes suspensórios de couro, para ajudar a segurar as calças.

Mas, logo suas calças já não tinham bolsos suficientes; então passou a usar



uma jaqueta, onde quer que fosse, uma daquele tipo com muitos bolsos. E não demorou muito para que a jaqueta parecesse tão engraçada quanto as calças. E cheirava a pó tanto quanto elas. E ficou até mais pesada porque tinha mais bolsos.

Qualquer um teria desistido a essa altura, mas não o Marcos. Ele comprou uma dessas maletas reforçadas, como os vendedores usam. Afinal, quando a gente começa a procurar, encontra todo tipo de coisas na vida que nos aborrecem. E quando se está sempre cansado de carregar tantas pedras por onde anda, é mais fácil ficar com raiva.

Anos se passaram e a coleção de

pedras-lembretes de Marcos transbordou de seus bolsos e da maleta para a casa toda. Ele tinha pedras na pia da cozinha, nos armários e espalhadas pelo chão. Às vezes, chegava a colocar uma pedra na cama, para se lembrar de ficar com raiva durante a noite. Sejam francos. Marcos tornara-se um sujeito estranho e desagradável. E a maior parte das pessoas o evitavam, quando possível, o que o deixava ainda mais irascível. As pedras não são boa companhia. Elas são duras, sujas, e no inverno, muito frias.

Bem, Marcos poderia ter-se tornado um velho mau, completamente enterrado em pedras. Mas, um dia, ele recebeu um telefonema de um professor de geologia da universidade. O Dr. Ageu ouvira falar da grande coleção de pedras do “seu” Marcos (e quem não ouviu?), e queria que seus alunos de geologia a conhecessem.

“Bem”, pensou Marcos, “afinal existe alguém que aprecia minhas pedras. Espere só até verem todas estas recordações do quanto as pessoas me ofenderam.” A visita foi marcada para o sábado seguinte, e Marcos passou as tardes seguintes espanando e arrumando as pedras.

Por fim, o sábado chegou e às duas horas da tarde soou a campainha. Ali, na varanda, estavam o Dr. Ageu e sete de seus melhores alunos, todos vestidos com as melhores roupas de exploração. Muitos deles tinham martelos para pedras dependurados nos cintos e um ou dois carregavam máquina fotográfica. E cada um tinha consigo lápis e papel.

O professor Ageu parecia um homem comum, contudo tinha um sorriso cordial. E seu rosto estava fortemente bronzeado pelos anos passados ao ar livre. Positivamente, havia algo especial em seus olhos, também; eles eram profundos e escuros, embora tivessem um brilho





que dizia que ele apreciava a vida. E quando olhava para a gente, era com o mesmo olhar que examinava as montanhas e formações rochosas... como que tentando penetrar seu íntimo. Era um cientista que gostava de gente tanto quanto de pedras.

Quando o professor e os alunos entraram na sala cheia de pedras, Marcos esperava ouvir palavras de admiração e espanto. Sabe, como as que ouvimos num espetáculo de fogos de artifício. Entretanto, só houve um silêncio constrangido. O grupo ficou ali, olhando em volta, cutucando algumas pedras com os pés. Então, os alunos olharam para o professor, esperando que ele dissesse alguma coisa. Afinal, esta não era a coleção de belas gemas e minerais que esperavam ver. Eram simples nacos de pedra

calcária, arenito e quartzo. Ora, havia até pedaços de asfalto e concreto!

Finalmente, o professor falou: "Hum... hum..." limpou a garganta. "Talvez fosse bom nos explicar sua coleção, sr. Peres. Posso dizer, honestamente, que nunca vimos uma coleção igual à sua." Atrás dele, seus alunos menearam a cabeça

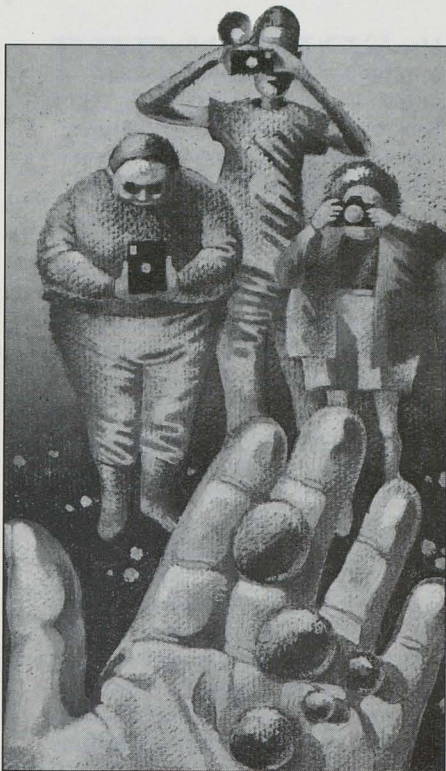


concordando.

"Bem", principiou Marcos nervoso, "eu, ahn, bem... é que..." Fazia muito tempo que não conversava com alguém.

O professor percebeu como ele estava nervoso. O pobre homem engolia em seco, e seu pomo de Adão ficava subindo e descendo. (Alguns alunos chegaram a pensar que estava tentando engolir uma de suas pedras.)

Tentando ajudá-lo, o professor disse: "Por que não começa contando-



-nos por que escolheu *estas* pedras?” Apanhou uma pedra cinza comum, que se parecia com a maior parte das outras. “Por que escolheu este pedaço de pedra calcária para sua coleção?”

“Ah, então é *isso*? Bem, creio que é a que peguei quando a lavanderia não aprontou minhas camisas em tempo. Espere! Não, acho que é a que peguei quando meu programa favorito de televisão foi cancelado. Ou será que foi quando corri para atender o telefone e a pessoa havia discado o número errado? Ou...” Aqui ele parou para pensar e tentar lembrar-se. Havia tantas pedras! De repente, Marcos percebeu que era só isso que o professor Ageu e seus alunos conseguiam ver. Para qualquer outra pessoa não passavam de pedras comuns. Marcos tinha de explicar, para fazê-los compreender.

Outubro/Novembro de 1985

“Há mais nestas pedras do que vocês podem imaginar. Cada uma delas representa uma vez que alguém me deixou com raiva, ou não foi bom para mim, ou me magoou. Eu peguei estas pedras como lembretes.”

Foi aí que o professor e seus alunos ficaram, realmente, estupefatos. Todos começaram a falar de uma só vez: “Eu nunca ouvi falar de algo assim.” “Há quanto tempo o senhor faz isto?” “Posso tirar uma foto de suas pedras?” “Que mina!”

O professor Ageu voltou a falar, e todos se calaram. “Bem, sr. Peres”, começou com cuidado, “devo admitir que o senhor é a primeira pessoa que conheci, que coleciona pedras por essa razão.” Ele fez uma pausa e olhou ao redor. “O senhor foi muito gentil em nos convidar para vir a sua casa. E nós não queremos tomar muito do seu tempo. Mas, o senhor permite que, já que estamos aqui, olhemos a sua outra coleção de pedras?”

Marcos franziu a testa, sem entender e disse: “Mas eu não tenho nenhuma outra coleção.”

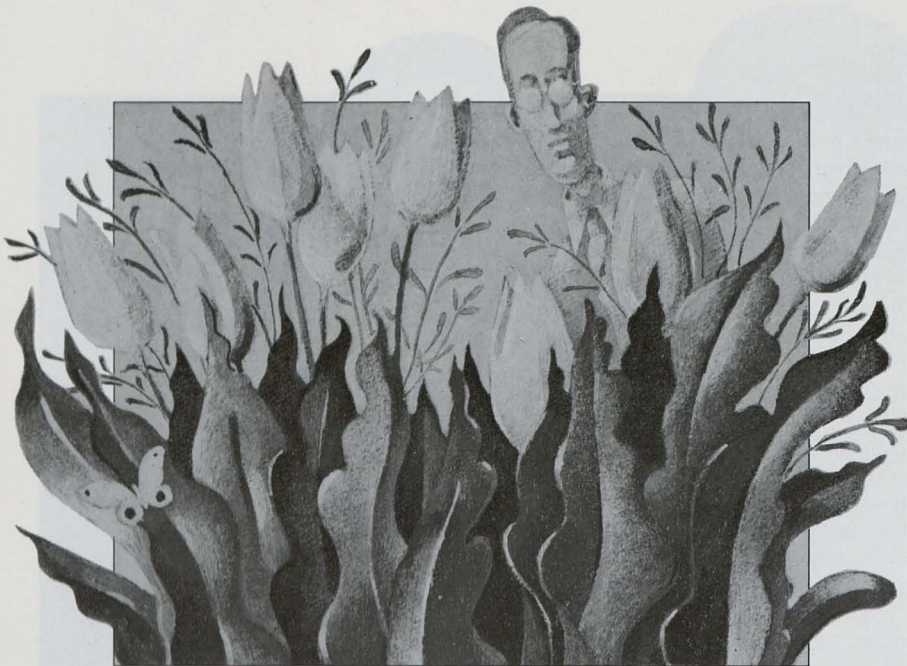
“Ah, entendo. Apenas pensei que talvez o senhor colecionasse algo para se lembrar das coisas boas que as pessoas lhe disseram e fizeram. Mas, bem, não importa. Creio que devemos ir agora. Muito obrigado por nos deixar vir à sua casa. Eu e meus alunos aprendemos uma coisa importante.”

Reuniu seus alunos e se encaminharam para a porta. Então, voltando-se novamente para Marcos o professor disse: “Nós ainda temos um tempinho de sobra nesta tarde, será que o senhor nos poderia indicar outras pessoas que tenham uma coleção parecida?”

Mais uma vez Marcos não sabia como responder. “Não conheço nenhuma outra coleção como a minha.”

“Ah, só pensei que, talvez, alguém que o senhor conheça tivesse





colecioneado algo quando... quero dizer... se o senhor alguma vez... ahn... o magoou." Então, rapidamente, ele acrescentou: "Sim, bem, até logo, e mais uma vez obrigado."

Sem demora, o professor e seus alunos saíram e se foram pela calçada.

Muito tempo depois que eles saíram, Marcos continuava ali parado, parecendo uma de suas pedras... frio, sombrio e totalmente imóvel. As palavras do professor ecoavam dentro dele. Ao seu redor, a casa quieta. Muito quieta. E de repente, percebeu quão agradável fora o tagarelar amigável dos alunos. Há quanto tempo não tinha uma conversa amigável com alguém? Pensando nisto, será que ainda tinha algum amigo?

Então, antes que pudesse evitá-lo, ocorreu-lhe um pensamento: "Estou-me tornando como as minhas pedras." Sentado sozinho no escuro,

Marcos finalmente percebeu que companhias desagradáveis eram as pedras. E quão desagradável ele... Bem, alguns pensamentos são duros demais para serem ditos.

Durante muitos dias, por horas a fio, Marcos ficou sentado, imóvel como uma pedra, pensando em coisas duras como pedra. A gente até poderia pensar que ele acabara petrificado. Mas, lá no fundo, algo estava despertando e começando a crescer, como uma semente no solo da primavera.

Se acha que é difícil encontrar um lar para gatinhos abandonados ou coisa parecida, você deveria tentar encontrar alguém que queira um montão de pedras muito ordinárias, sujas e cinzentas. Na verdade, tente só juntá-las, quando estão esparramadas por toda parte. Marcos tentou contratar faxineiras, mas todas lhe disseram a mesma coisa: "Eu não limpo vidraças, nem apanho pedras." Um cartaz, com os dizeres de "Pedras Grátis", em sua janela, não trouxe nenhum resultado. Finalmente, ele compreendeu que era algo que teria de fazer sozinho.

Os vizinhos ainda falam da vez em que Marcos estacionou um reboque alugado junto à varanda, e da tremenda nuvem de pó quando as pedras foram despejadas nele. Comentam também como a aparência de Marcos melhorou, como suas roupas caem bem melhor no corpo (será que ele emagreceu?), e como ele chega a sorrir de verdade agora.

Os vizinhos de Marcos, também apontam, com orgulho, seu belo jardim e quintal, com árvores, flores e arbustos plantados por toda parte. Eles não têm nenhuma explicação para seu súbito interesse pela jardinagem. Mas, uma vizinha, a sra. Carvalho, notou que depois que ela lhe levou um pedaço de bolo, Marcos foi ao jardim e plantou uma semente. ■

## PRINCÍPIOS

Élder Boyd K. Packer

do Quorum dos Doze

*A verdadeira essência da administração eclesiástica não está no procedimento em si, mas em conhecer e ensinar os princípios e a doutrina.*

Esta é a versão editada de um discurso proferido no dia 6 de abril de 1984, no Seminário para Representantes Regionais, associado à conferência geral.

Minha designação é falar sobre o chamado de missionários. O Senhor nos deu o mandamento de pregar o evangelho. Esta mensagem é repetida mais de oitenta vezes nas escrituras — mais de oitenta vezes: “Pregai a toda nação, tribo, língua e povo.” E isto certamente é razão bastante para fazê-lo. Gostaria de acrescentar outra razão para se chamar missionários. Penso que se realmente a entendêssemos, se conseguíssemos captar sua importância, seríamos compelidos a um maior esforço em fazer que todo rapaz seja digno de receber o chamado missionário. Salvo os poucos que têm um forte impedimento físico, todo rapaz precisa tornar-se digno de receber o chamado para cumprir missão.

Bem, o mundo sendo como é, não damos a mesma ênfase ao chamado das irmãs para uma missão. Em primeiro lugar, em toda missão é limitado o número de locais seguros para missionárias. E atualmente temos algumas missões, em que o número de missionárias quase predomina. Não devemos parar de chamar missionárias, mas sim chamar um número cada vez maior de élderes.

Se conseguirdes entender o que espero poder transmitir a respeito do chamado de missionários, compreenderéis que o chamado deles é essencial não apenas para o crescimento da Igreja, mas para sua

A verdadeira essência da administração eclesiástica não está no procedimento, mas em conhecer e ensinar os princípios e a doutrina.

Organização, programas, procedimentos, normas e princípios, todos são importantes. Nem todos, porém, têm a mesma importância. Conhecendo os princípios — revelação, — poderão tomar as decisões corretas e determinar as prioridades certas.



segurança. Acho que o melhor título para o que vou falar, seria a simples palavra *princípios*. Tenciono apresentar algumas idéias sobre os princípios fundamentais do governo eclesiástico e, a seguir, dar exemplos de como são essenciais no governo da Igreja, e depois aplicá-los à obra missionária. Esses princípios, é lógico, aplicam-se a toda a obra da Igreja.

Sabemos que o trabalho da liderança local do sacerdócio nunca tem fim. Mesmo que dedicassem todo seu tempo, não conseguiriam terminá-lo, e obviamente eles têm ainda de sustentar a família e ser bons cidadãos. Sendo assim, como podem fazer escolhas

prudentes? De todas as coisas que lhes pedimos que fizessem, como podem escolher com segurança aquelas não tão prioritárias? As responsabilidades dos líderes locais podem ser classificadas em três categorias:

Temos uma *organização* para manter, com o constante problema de pessoal.

Temos *programas* para administrar.

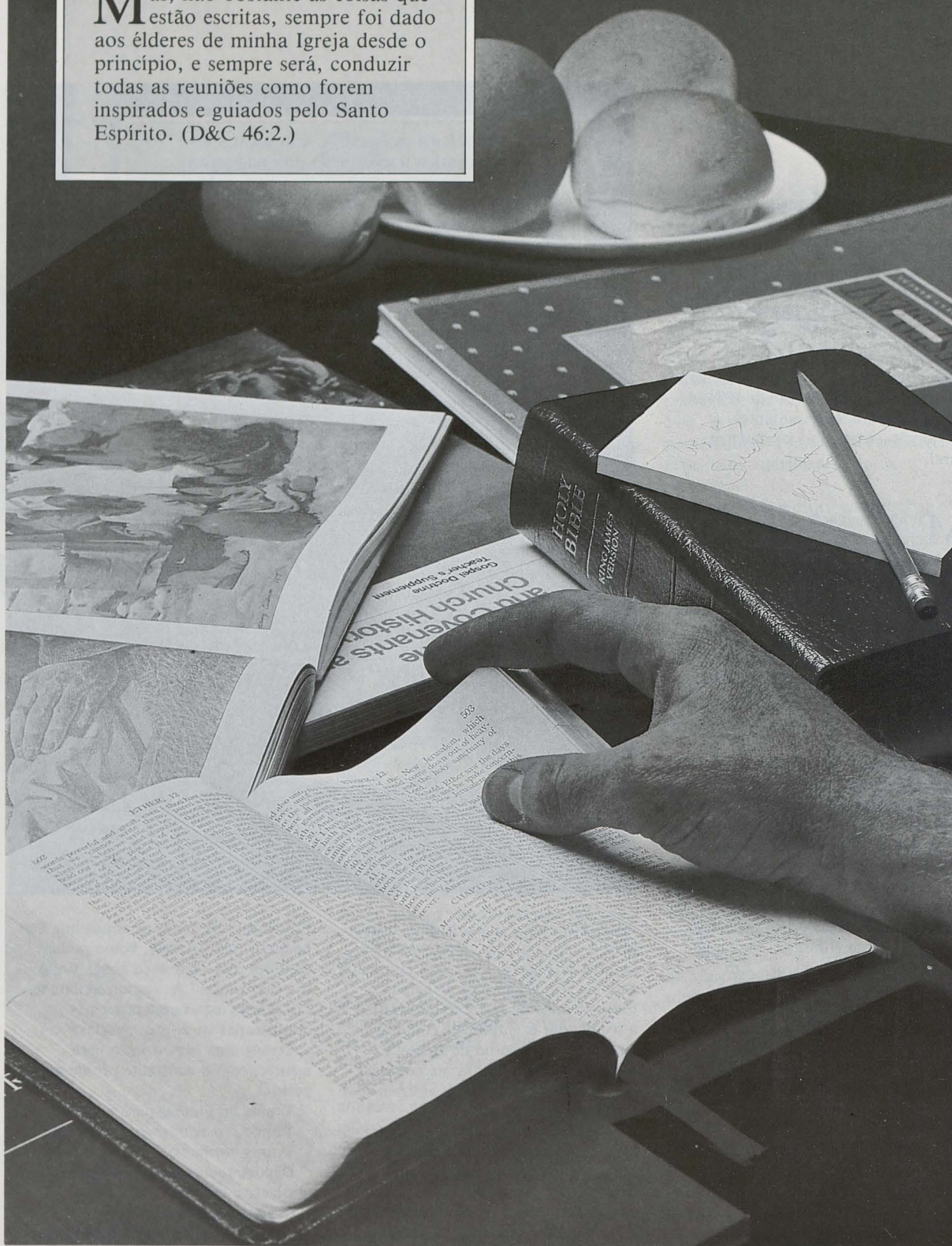
Temos *procedimentos* para seguir.

Temos *normas* oficiais a respeitar.

Depois, temos *princípios* para obedecer e ensinar.

*Organização, programas, procedimentos, normas e princípios*, todos são importantes. Nem todos,

**M**as, não obstante as coisas que estão escritas, sempre foi dado aos élderes de minha Igreja desde o princípio, e sempre será, conduzir todas as reuniões como forem inspirados e guiados pelo Santo Espírito. (D&C 46:2.)



Fotos de Mary Mayo e Wes Taylor

porém, têm a mesma importância. É muito fácil gastar tempo e dinheiro com coisas não prioritárias, negligenciando as mais importantes.

Vou dar-lhes dois exemplos. Um talvez do lado mais espiritual de nosso ministério, e o outro do lado temporal.

O primeiro tem a ver com os tribunais da Igreja. É nossa responsabilidade disciplinar os membros em caso de uma transgressão mais grave. A *organização* e os *procedimentos* de um tribunal estão minuciosamente explicados no Manual Geral de Instruções.

Todavia, a menos que conheçam os *princípios* aplicáveis nesses casos, poderão realizar um tribunal tecnicamente de acordo com o manual, até mesmo seguindo os procedimentos corretos e ainda assim magoar em lugar de curar o membro transgressor.

Se não conhecerem os *princípios*, isto é, os princípios do evangelho, as doutrinas, o que dizem as revelações; se não souberem o que dizem as revelações sobre justiça e misericórdia, ou o que desvendam acerca da repreensão ou perdão, como poderão tomar decisões inspiradas nos casos difíceis que requerem seu julgamento?

Além dos procedimentos do manual existe um elemento espiritual, pertencente ao sacerdócio e portador do poder divino. A menos que estejam familiarizados com ele, a menos que os bispos e os presidentes de estaca estejam com ele familiarizados, talvez consigam implantar programas mas ainda assim não redimir os santos.

Outro exemplo: As revelações deixam claro que devemos cuidar dos pobres merecedores. Como fazê-lo? Coletando ofertas de jejum e recorrendo aos programas do Serviço de Bem-Estar — todos nós os conhecemos. Os manuais nos dizem como devem ser administrados. No entanto, cada caso é diferente. Sem conhecer os princípios do evangelho, poderão agir tecnicamente de acordo com as instruções e ainda assim degradar em lugar de edificar o membro. Suponhamos que não soubessem nada a respeito de independência, economia e auto-suficiência.

Não é uma questão de dedicação, pois esta *jamaiz* questionaríamos. É uma questão de prioridades, uma questão de discernimento. Pois “não havendo profecia, o povo se corrompe”. (Provérbios 29:18.)

Todo aspecto da administração da Igreja é baseado em certos princípios do evangelho. Estes *não* estão explicados nos manuais. Encontram-se

nas escrituras, e são a substância e o propósito das revelações.

Procedimentos, programas, normas administrativas, até mesmo certos padrões de organização podem mudar. Nós temos liberdade, de fato até a obrigação de modificá-los de tempos em tempos. Os *princípios*, porém, as *doutrinas*, *nunca* mudam.

Se derem ênfase excessiva a programas e procedimentos que poderão mudar, e de fato mudarão, precisam mudar, e não entenderem os princípios fundamentais do evangelho que *nunca mudam*, poderão cometer erros.

Agora, ouçam com atenção. Não estou sugerindo que devem ignorar os manuais ou livros, pois nem por um minuto pensaria nisso. O que digo é que existe um ingrediente espiritual não encontrado nos manuais que precisam incluir em seu ministério se quiserem agradar ao Senhor.

Conhecendo o evangelho, terão um apego às instruções dos manuais que não se consegue de outra maneira. Assim fazendo, ficarão a salvo de inovações que não funcionam.

Devido à expansão acelerada da Igreja, existe a tentação de procurar solucionar problemas modificando limites, alterando programas, reorganizando a liderança ou conseguindo instalações mais confortáveis.

Do que necessitamos, realmente, é de um retorno aos princípios fundamentais do evangelho de que nos fala a história da Igreja. Do que precisamos mesmo é de um revigoramento dos princípios fundamentais do evangelho na vida de todos os santos dos últimos dias. A verdadeira essência da administração eclesiástica não está no procedimento — está no princípio, na doutrina!

O Profeta Joseph Smith nos deu a chave. Diz ele, com referência à administração: “Ensino-lhes princípios corretos e eles se governam a si mesmos.”

Tempos atrás, entrevistei um jovem bispo no Brasil. Tinha vinte e sete anos e deu-me a impressão de possuir todos os atributos de um bom líder na Igreja — humildade, testemunho, aparência, inteligência, espiritualidade. Eis aqui, pensei, um jovem com grande futuro na Igreja.

Depois, observando-o, perguntei a mim mesmo: “Qual será o seu futuro? O que nós faremos *por* ele? O que nós faremos *a* ele?” E mentalmente tracei seu futuro. Ele será bispo por uns seis anos, talvez; então estará com trinta e três anos; depois servirá uns oito anos

num sumo conselho de estaca e cinco como conselheiro na presidência da estaca. Aos quarenta e seis, estará sendo chamado como presidente de estaca. Depois de seis anos o desobrigaremos para tornar-se um Representante Regional, servindo mais cinco anos. Isto significa que terá vivido trinta anos como um ideal, o exemplo a seguir, a imagem, o líder.

Entretanto, durante todo esse tempo, não terá comparecido a três aulas de doutrina do evangelho seguidas, nem freqüentado três reuniões consecutivas do quorum do sacerdócio.

Irmãos, estão-se reconhecendo neste exemplo?

A menos que ele conheça os princípios fundamentais do evangelho antes de ser chamado, dificilmente terá tempo de aprendê-los depois. Agendas, reuniões, orçamentos e construções tomarão todo seu tempo. Estas coisas geralmente não são descuidadas.

Mas os princípios sim — o evangelho é descuidado, a doutrina é descuidada. Quando isto acontece, estamos em grave perigo! Vemos a prova disto na Igreja hoje.

Quero levantar a voz de solene e séria advertência! Vivemos num dia de grande oposição, não só nos Estados Unidos como no mundo inteiro. Ela está crescendo dia e noite em todo o mundo. Inimigos externos reforçados por apóstatas internos desafiam a fé do povo da Igreja. Não são os programas da Igreja que eles combatem. Estes, na verdade, são-lhes secundários. Eles se concentram em nas doutrinas. São as doutrinas que eles atacam e notamos que muitos líderes não sabem como responder a questões doutrinárias. Tenho tido alguma relação com o programa de Comunicações Públicas ao qual chegam diariamente apelos de toda a parte: “Ajudem! O que devemos fazer?” Eles estão desafiando as doutrinas. Se os membros desconhecem as doutrinas, estamos em perigo, a despeito dos mais eficientes programas e instalações.

Agora, não estou querendo menosprezar nossos esforços. Vejo evidências de princípios do evangelho em ação por toda parte. Vou dar-lhes um exemplo.

Nas reuniões de liderança de estaca, muitas vezes interrogo um jovem presidente de quorum de élderes a respeito do procedimento para chamar um novo conselheiro. Como chamaria um novo conselheiro? Posso informar com satisfação que o que segue é um diálogo típico.

Diz o presidente: — Bem, primeiro

passaria mentalmente em revista os membros do meu quorum e escolheria um deles, o que achasse mais talhado para ser meu conselheiro. Depois oraria a respeito.

— Por que oraria?

— Para receber a orientação do Senhor.

— Que espécie de orientação?

— Mostrando-me se estou certo ou não.

— Quer dizer, revelação?

— É.

— O irmão acha que pode receber revelação sobre tal coisa?

— Acho.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Mas você é uma pessoa comum; acredita mesmo que poderá receber revelação pessoal de Deus?

— Sim, senhor!

— Já recebeu alguma?

— Já.

— Eu não conseguiria dissuadi-lo disso, não é?


— Não senhor!

Imaginem só! Um jovem e comum presidente de quorum de élderes sabe o que é revelação e como conseguiu-la. Um simples moço sabe como chegar-se ao Senhor através do véu para obter instrução revelada.

Esta é a essência, a própria essência do governo eclesiástico. Este é o princípio do evangelho. Revelar sua vontade a seus servos é uma lei de Deus. Não apenas aos profetas e apóstolos, mas aos seus servos pelo mundo afora. Isto é um princípio precioso que precisa ser guardado e cultivado, e que às vezes é negligenciado quando estamos assoberbados com encargos administrativos.

Agora, desde que o jovem presidente esteja familiarizado com as escrituras, ele jamais seguirá falsos líderes. Ele terá lido em Doutrina e Convênios:

“A ninguém será permitido sair a pregar o meu evangelho ou edificar a minha igreja, a não ser que tenha sido



Não existe melhor maneira de um jovem membro da Igreja adquirir um profundo conhecimento do evangelho do que cumprindo missão. A missão é uma combinação quase perfeita de estudo e aplicação dos princípios, à medida que são aprendidos.

ordenado por alguém com autoridade, e que a igreja saiba que tem autoridade e que foi apropriadamente ordenado pelos líderes da igreja.” (D&C 42:11.)

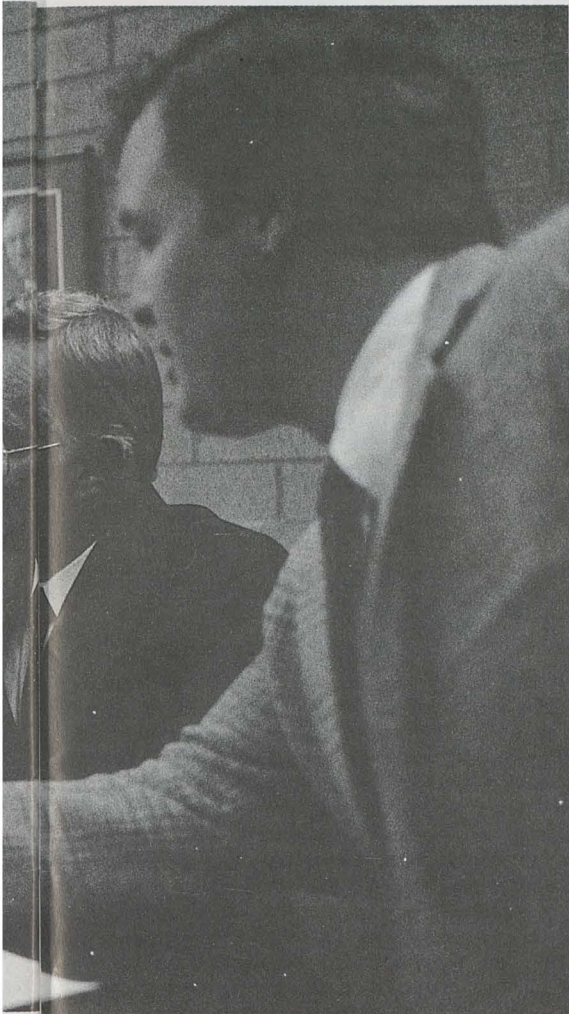
Tampouco atuará tão organizada e mecanicamente a ponto de não obter inspiração. Ele terá lido este versículo na seção 46:

“Mas, não obstante as coisas que estão escritas, sempre foi dado aos élderes de minha Igreja desde o princípio e sempre será, conduzir todas as reuniões como forem inspirados e

guiados pelo Santo Espírito.” (D&C 46:2.)

É tão importante que todo membro, particularmente todo líder entenda e conheça o evangelho.

Não é fácil encontrar tempo para estudar o evangelho. É mais difícil para o presidente de estaca fazê-lo e muito mais ainda para o bispo; contudo, é necessário e é possível. Irmãos, compareçam às aulas sempre que puderem; os bispos e presidentes de estaca devem encontrar um meio de



freqüentar boa parte das aulas de doutrina do evangelho e as aulas apropriadas do sacerdócio.

Precisamos cuidar de que as gerações que nos seguem aprendam o evangelho. É nosso dever transmitir intactos às gerações que nos seguem, os princípios e ordenanças do evangelho e a autoridade do sacerdócio.

Promovam os programas destinados a ensinar o evangelho. Primária, Escola Dominical (a propósito, tenho

ouvido líderes locais recomendando a supressão da Escola Dominical; isto seria muito, muito insensato de nossa parte). As lições do sacerdócio são importantes e as lições das auxiliares, as aulas de Viver Espiritual da Sociedade de Socorro; o programa do Sacerdócio Aarônico, o programa das Moças, e as reuniões sacramentais podem ser instrumentos poderosos se os usarmos para pregar o evangelho. As reuniões sacramentais devem ser centralizadas no evangelho. E não vejo como um bispo ou presidente de estaca possa descansar até que tenha o seminário funcionando para os jovens e até que o programa de aperfeiçoamento didático, que aprimora a qualidade desses programas, mereça alguma atenção. Todos eles merecem seu vigilante cuidado e apoio.

Agora, concluindo, só mais um ponto. O que tudo isto tem a ver com o chamado de missionários? Tem *tudo* a ver!

Não existe melhor maneira de um jovem membro da Igreja adquirir um profundo conhecimento do evangelho do que cumprindo missão. A missão é uma combinação quase perfeita de estudo e aplicação dos princípios, à medida que são aprendidos. Nada pode comparar-se a isso.

O chamado de um missionário requer que seja capaz de ensinar os princípios fundamentais do evangelho todos os dias, o dia inteiro. Ele ensina o plano de salvação, sempre, sempre de novo.

O Senhor é o nosso exemplo. Seria difícil descrever o Senhor como um executivo. Permitam-me repeti-lo. Seria difícil descrever o Senhor como um executivo. Ele era um *professor*! Este é o ideal, o modelo.

Os missionários são professores. Nenhum aluno aprende nem de longe tanto ouvindo uma lição como o professor ao prepará-la.

Imaginem-se estudando duas horas por dia com um companheiro. O que

achariam disso? O missionário estuda as escrituras como jamais estudou antes e como nunca mais conseguirá estudar, especialmente se for chamado para ser um líder.

Ele recebe um fundamento na própria essência do evangelho; aprende os princípios fundamentais do governo eclesiástico. O futuro da Igreja depende desse seu conhecimento.

Pergunto eu: De onde supõem que o jovem presidente do quorum de élderes obteve seu conhecimento dos princípios do evangelho, da revelação? Onde ele aprendeu a respeito da revelação? Bem, sem dúvida na missão.

A segurança da Igreja no futuro depende de nosso sucesso no chamado de missionários. Se nos preocupamos com o futuro desta obra, não descansaremos até que todo jovem fisicamente apto se torne digno e deseje receber um chamado para cumprir missão.

Bem, eu apenas mencionei no princípio que temos o *mandamento* de pregar o evangelho. Somos mandados a pregar independente de nos trazer ou não qualquer benefício ou bênçãos. Por que? *Porque é o nosso dever*! Isto é um princípio, um *princípio imperativo*!

Procedimentos e programas, normas e organização, orçamentos e edifícios são importantes no seu devido lugar. Eles merecem nossa atenção, irmãos, mas não em detrimento das coisas mais importantes.

Temos que seguir avante. Poderíamos abrir seis novas missões imediatamente, se tivéssemos os missionários de que necessitamos. Assim, nosso conselho e instrução a todos os líderes é que prossigam e renovem, com grande urgência, o chamado de rapazes e um número menor, porém suficiente, de irmãs, para irem pregar o evangelho a toda nação, tribo, língua e povo em resposta ao mandamento que nos foi dado, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

“O trabalho  
mais importante  
que jamais  
faremos será entre  
as paredes de  
nosso próprio lar.”

Presidente  
Harold B. Lee